

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

**A degradação da sociabilidade e a formação cidadã entre crianças
e jovens: Bairro Jardim Recanto Suave e o Projeto Âncora, um
estudo de caso.**

Maria Rita Pires do Rio e Souza Oliveira

SÃO PAULO | SP
2018

Maria Rita Pires do Rio e Souza Oliveira

A degradação da sociabilidade e a formação cidadã entre crianças e jovens: Bairro Jardim Recanto Suave e o Projeto Âncora, um estudo de caso.

Trabalho de Graduação Individual (TGI), apresentado ao Curso de Geografia, na Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Geografia.

Orientadora: Doutora Ana Fani Alessandri Carlos

SÃO PAULO | SP
2018

Maria Rita Pires do Rio e Souza Oliveira

**A degradação da sociabilidade e a formação cidadã entre crianças e jovens:
Bairro Jardim Recanto Suave e o Projeto Âncora, um estudo de caso.**

Aprovação em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Professor: Cesar Ricardo Simoni Santos

Professora: Isabel Aparecida Pinto Alvarez

Agradecimentos e Dedicatória

Depois de tantos anos de trabalho chega o dia da apresentação, da avaliação e da exposição que tanto fugi. Frio na espinha, chororô e muita tensão para chegar até aqui.

O processo de realização dessa pesquisa, foi um dos mais ricos que passei na graduação e na vida, fonte de força e inspiração para os dias atuais, como educadora e como cidadã. E, certamente, o que consegui realizar e expressar, no presente trabalho não representa nem um quarto do que foram os quatro anos acompanhando a comunidade do Jardim Recanto Suave e o Projeto Âncora. Tampouco representa a idealização - que tive um dia – da entrega de um TGI, representativo dos anos de graduação onde tive a oportunidade de aprender com grandes mestres, cercada de pessoas incríveis em todos os sentidos, intelectualmente e pessoalmente.

Mas foi o trabalho possível, diante das minhas dificuldades pessoais para transpor e analisar tudo o que foi pesquisado. Gostaria que fosse melhor, mas depois de tantos anos, tentando, sentando, escrevendo, apagando, trocando, conversando, sentando, escrevendo, apagando...

Estou aqui e não cheguei sozinha, foram as aulas, as conversas, colos e muito amor...

Agradeço, primeiramente a professora Ana Fani que me acolheu diversas vezes: como monitora da disciplina de Urbana I e aceitando monitorar o meu TGI, que mudou de tema diversas vezes durante os primeiros dois anos, passando inclusive pela audácia e maluquice de querer analisar as representações do urbano na literatura infantil. Obrigada pela paciência.

Agradeço o professor César, pois foi meu professor na antiga oitava série do Ensino Fundamental, culpado, porque com certeza desde lá, foi grande fonte de inspiração. Que prazer reencontrá-lo na universidade!

Agradeço a professora Isabel, que também acolheu afetuosamente, as minhas dúvidas e dificuldades durante as disciplinas que cursei, dando o ponta pé inicial durante a Iniciação a Pesquisa. Muito obrigada também pela torcida para que eu conseguisse chegar até aqui, foi importante.

Outro professor que gostaria de agradecer, muito provavelmente nem venha a ler esse TGI, mas foi na disciplina que cursei com ele que de fato consegui organizar os processos da pesquisa. Obrigada Bittar, por ter sido impecável quando lecionou a disciplina Técnicas de Campo e Laboratório. Com você, embora não tenha conseguido expressar no presente trabalho, aprendi a usar os recursos da universidade, escolher os melhores métodos de entrevista, aplicação de questionário e análise para usar no trabalho.

Agradeço ao Projeto Âncora, Cláudia, Regina, Suzana, todos os educadores e crianças de lá, em especial, Fósforo, Eric, Lohan e Yuri.

Por fim, agradeço aos moradores do Jardim Recanto Suave em especial aqueles que me receberam em casa, Rita e Clodoaldo, para tantas entrevistas e esclarecimentos.

Meus amigos da faculdade e de república que tanto torceram e construíram comigo, Lívia, Mari Doneux, Mariá Guedes, Fê Pinheiro, Tico, Fofa e Fofa, Gêmeos, Rafa Aragi, Olivia, Lia, Xavito, Mari, Andreas...

Minha amiga e parceira de vida, Daphne, que me ajudou com os mapas do presente trabalho e deu aquela força na reta final.

Minha família, minha irmã Fefe, mãe Analú, marido e filha Luiz e Madu, que tiveram tanta paciência comigo e em especial meu pai Wazdat que tantas vezes sentou, escutou, foi conselheiro, foi crítico e me deu força incondicional para essa realização.

Dedico, a ele, meu pai e às crianças e jovens do Recanto Suave, cada linha desse trabalho, mesmo sabendo que faltou muito para chegar onde eles mereciam.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo elaborar um estudo de caso sobre o cotidiano de crianças e jovens no bairro Jardim Recanto Suave, localizado no município de Cotia, a partir de entrevistas realizadas com moradores do bairro e representantes da organização social, Projeto Ancora, importante referencial na constituição desse cotidiano.

Palavras chave: Projeto Âncora; Jardim Recanto Suave; Cotidiano

Lista de Ilustrações

Figura 1- Localização da área de estudo.....	18
Figura 2- Jardim Recanto Suave.....	20

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. MEMORIAL DE PESQUISA.....	6
3. CONSIDERAÇÕES	9
4. JARDIM RECANTO SUAVE.....	16
5. PROJETO ANCORA	22
6. ENTREVISTAS	25
6.1 Entrevista com Cláudia Duarte	25
6.1.1 Histórico	25
6.1.2 Fundamentos do Projeto Escolar.....	28
6.1.3 Sobre o projeto Cidade Educadora.....	30
6.1.4 O Projeto Ancora e a Apropriação do Território	32
6.1.5 Fontes de Financiamento.....	33
6.2 Entrevista com Regina Steurer	35
6.3 Entrevista com Rita de Lima	36
6.4 Entrevista com Clodoaldo	38
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
8. REFERÊNCIAS.....	45
9. ANEXOS.....	47
9.1 Memorial de planejamento de campo e elaboração de questionários....	47

1. INTRODUÇÃO

A proximidade com crianças e adolescentes durante os últimos anos foi uma das motivações no meu percurso acadêmico e esteve presente em todos os temas de pesquisa por que passei, até chegar ao presente trabalho. Pensar o espaço para esses sujeitos foi o caminho percorrido: desde a intenção de desvendar e conhecer um pouco mais sobre as representações do urbano na literatura infantil, até pensar as questões sobre os espaços onde crianças e jovens vivem cotidianamente, em especial aquelas em situação de pobreza.

A presente pesquisa visa um mergulho no cotidiano de crianças e o uso do espaço na trajetória de vida desses atores e sua relação com o ambiente educacional institucional e familiar, no território em que habitam.

Do ponto de vista espacial optei por analisar o espaço público como um espaço social de vivências onde a determinação do tempo é regida por um tempo familiar em grande parte submetido ao mundo do trabalho. O tempo familiar para as famílias em situação de exclusão social (ou não) é regido pela lógica do modo de produção de mercadorias, pela necessidade de sobrevivência, independente da forma como estão inseridas no mercado de trabalho, informal ou formalmente.

O espaço privado do mundo familiar – relações afetivas de parentesco, a cultura herdada e transmitida, valores morais e religiosos – e o espaço público institucional do trabalho e da educação – relações de produção, produção de valores de uso e valores de troca, produção do excedente (mais valia) e todo o sistema legal que expressa a natureza das relações entre infraestrutura e superestrutura da sociedade – configuraram a totalidade do espaço de vivências: o espaço do cotidiano, com seu universo de símbolos e significados. Esferas da realidade que impõe a sua dinâmica na produção e reprodução de espaços cada vez mais concorridos: ambientes extremamente competitivos e desiguais, onde a sensação de temporalidade é cada vez mais passageira.

Manifestação típica da pós-modernidade, do pós-fordismo, trazendo consigo novas formas de sociabilidade, preenchida por relações de produção onde os valores de uso perderam sua dimensão temporal de utilidades não efêmeras, determinando um mundo fugaz de consumo inútil e supérfluo, porém, determinante para a contínua acumulação e valorização do capital.

Formas tradicionais de sociabilidade que se perdem, onde sentimentos e afetos de solidariedade e comunhão fraternal entre seres que partilham a mesma condição social e aqueles em posição diferenciada, se tornam manifestações cada vez mais raras, tornando frágeis e difíceis articulações de resistência organizada, na luta por um mundo mais humanizado.

A prática urbana pela sobrevivência revela uma disputa desigual pelo espaço da vida quando confrontadas classes sociais com alto poder aquisitivo e as classes menos favorecidas. Disputa com o grande fluxo de carros fruto de políticas públicas que privilegiam o transporte individual em detrimento do transporte coletivo, com a violência do poder constituído que cria barreiras e normas de usos e acessos aos lugares, em cumplicidade com a contraparte do poder paralelo das milícias e do tráfico que dominam áreas da cidade como condição de realização de seu negócio, são alguns poucos exemplos. Os espaços públicos – escolas, creches, na esfera da educação, hospitais, UBS, na esfera da saúde pública, condições de moradia e saneamento básico, assim como segurança pública, entre outros -, iluminam essa realidade contraditória que se expressam no seu abandono (dos espaços públicos) e a imposição do medo nas pessoas excluídas no decorrer de sua passagem pelos lugares desprotegidos.

É neste contexto que construo a hipótese de que a rua, enquanto referência concreta de sociabilidade, vem perdendo cada vez seu papel socializador, de reunião com os outros - das brincadeiras - na troca de experiências lúdicas do cotidiano, espaço da inocência e dos sonhos possíveis, especialmente para as crianças vivendo em situação de pobreza nas periferias, guetos e favelas, posto que o espaço público deteriorado ou raro é invadido pelo aumento vertiginoso da violência. Em especial a violência policial, conforme explicita Sudbrack (2013) para quem o extermínio de meninos de rua passou a ser rotina nas capitais brasileiras. Essa triste realidade se impôs de forma dramática no cotidiano dos grandes centros urbanos sobrepondo-se a um tempo recente, ainda na fase menos intensa da industrialização, quando os valores morais da sociedade estavam menos contaminados por um modelo consumista e os diferenciais de renda embora extremados não comprometiam valores éticos herdados de uma sociedade menos complexa.

A violência tomou conta das ruas a partir da intensificação do processo de urbanização, principalmente pela expansão de bairros periféricos pobres. Pode-se dizer que hoje essas famílias vivendo em áreas segregadas se preocupam cada vez mais com a segurança dos filhos e vêm as ruas como espaço de perigo e ameaça. A violência institucionalizada do Estado na preservação dos interesses econômicos e políticos da elite branca da sociedade, passou a conviver com formas violentas de combate ao tráfico, numa dinâmica perversa onde setores da elite política e parte do aparato burocrático, em especial as forças de repressão, passaram a ser os principais fomentadores de sua continuidade, não tendo nenhum interesse na construção de uma agenda política de descriminalização das drogas. Fator que provoca medo e insegurança na população.

Nos espaços segregados das favelas ou fora delas penso que a Rua ainda poderá vir a ser um espaço potencial de liberdade, ainda que contraditório, como foi outrora em um passado não muito distante: como espaço da criatividade, das brincadeiras simples, típicas de crianças pobres. Mas para isso a tomada de consciência e a resistência organizada das comunidades pobres aliada aos setores combativos da sociedade civil, deverão ser determinantes na reconquista deste espaço.

Uma das evidências que se impõe na análise e diagnóstico das situações de exclusão social é a percepção de que o Estado tem, estratégica e seletivamente se “retirado” de espaços e dos problemas periféricos, “terceirizando” as questões e se utilizando de organizações não governamentais como operadores nesses espaços, sendo o principal responsável pela produção de uma sociabilidade degradada pela ausência de cumprimento dos direitos à cidadania.

E neste aspecto a escola pública enquanto principal agente na construção de consciência cívica cidadã, pela ausência do Estado nas políticas ativas, se deteriora perdendo espaço para as escolas privadas, movimentos sociais e organizações não governamentais, que passam a conquistar espaço no formulário e condução de políticas públicas.

Neste processo determinados atores sociais e frações das elites de classes sociais “empoderadas” pelo Estado burguês, passam a assumir algum protagonismo em ações transformadoras, que por natureza, deveriam ser de responsabilidade prioritária do poder público. Grandes empresas passam a inserir em suas políticas de relação com o mercado o marketing da “responsabilidade social” como forma de agregar valor aos seus produtos, vide o programa “Criança Esperança” com o reconhecimento da Unesco, como um dos exemplos de política empresarial voltada ao apoio de projetos sociais específicos e territorialmente delimitados.

Este é o caso em análise no tocante ao papel da Organização Não Governamental (ONG) responsável pelo desenvolvimento do Projeto Ancora no município de Cotia (SP), situado na Região Metropolitana de São Paulo, e que tem como um dos públicos alvos a população do Bairro Jardim Recanto Suave, bairro enclave habitado por população de baixa renda, rodeada por condomínios residenciais fechados de alta renda, a exemplo do Jardim da Granja, situado há apenas 2km de distância. Uma iniciativa de pessoas bem situadas financeiramente, empresários de sucesso, com sensibilidade para as causas sociais, “já cansadas de ganhar dinheiro” conforme expressão colhida em entrevista com Regina Machado Steurer, referindo-se a Walter Steurer, seu marido, ambos responsáveis pela criação do Projeto Ancora em 1995, proprietários da área onde hoje encontra-se sediado os equipamentos do projeto.

Na presente pesquisa, propõe-se um estudo de caso do Bairro Jardim Recanto Suave com o propósito de compreender a transformação do cotidiano de jovens e crianças a partir das transformações dos espaços de sociabilidade, que ocorrem de forma espontânea a partir do cotidiano vivido das famílias residentes no bairro, desde seu surgimento no final da década de 60 do século passado, e a influência que passam a sofrer a partir de sua vivencia com o Projeto Ancora, a partir de sua instalação em 1996.

Ao mesmo tempo, o estudo busca caracterizar elementos definidores do território cuja trajetória são a expressão das transformações do espaço-tempo, e que espelham a evolução da expansão urbana ao longo da Raposo Tavares,

que resultaram no cenário contraditório de vivencias entre classes sociais diferenciadas.

Neste sentido, este TGI se desdobra e sugere vários níveis possíveis de aprofundamento temático que poderão se constituir em objeto de pesquisa e análise interdisciplinares futuras. Neste trabalho a preocupação foi apenas registrar e verificar, através de depoimentos orais e realização de entrevistas, de adolescentes, pais e familiares, dirigentes e coordenadores do Projeto Âncora, a vivência desses atores nos espaços diferenciados da vida cotidiana da favela Zulu e do Recanto Suave, tendo em vista a aderência ao Projeto Escola e as novas oportunidades criadas, em especial o potencial transformador de uma nova proposta educacional em direção à conquista da cidadania por parte das crianças e da juventude que lá frequentam.

2. MEMORIAL DE PESQUISA

Comecei a pesquisa no Ancora de maneira muito equivocada, as primeiras informações que tive sobre a ONG vinham do site e de entrevistas. Existia, nessas fontes, um material extremamente assistencialista. O vídeo institucional, mostrava crianças pedindo esmola no farol, começava em preto e branco e conforme elas começavam a frequentar o Âncora e as oficinas que existiam lá as imagens passavam a ganhar cores, e um mundo de oportunidades se abria para aquelas crianças. Em seguida vinha o depoimento de um menino que passou por uma das oficinas que eles ofereciam – naquela época no contra turno escolar – e que veio a se tornar ator da rede globo.

Levei bastante a sério o material institucional que eles apresentavam, e logo depois das minhas primeiras visitas ao ancora, onde tive pequeno contato com as crianças e educadores, desenvolvi e apliquei um questionário no intuito de aproximação da realidade das famílias e entendimento de qual seria o recorte do trabalho, mas passei minha primeira vergonha. Levando em conta o material institucional, acabei perguntando no questionário se as crianças trabalhavam e ajudavam a compor a renda das famílias. A receptividade não era muito boa: como assim essa pergunta? Parecia que todos gostariam de responder: é obvio que não!

Então por que colocar no filme institucional as crianças no semáforo? Isso não fazia nem um pouco parte da realidade das crianças – associei muito as imagens assistidas ao filme *Quanto Vale ou é por quilo, de 2005, dirigido por Sergio Bianchi*. Vale colocar que não saí aplicando o questionário sem antes passar, pela avaliação da Coordenação do Ancora, depois do quarto pai entrevistado, simplesmente deixei de realizar a pergunta e depois fui conversar diretamente com a coordenação para entender melhor a discrepância entre o material institucional e a realidade.

Mas coisas interessantes que acabaram não sendo abordadas no trabalho - que ficou restrito às entrevistas - saíram dessa aplicação dos questionários e foram depois aprofundadas. O questionário também sofreu diversas modificações, a partir de reflexões feitas durante a disciplina de

Métodos de Trabalho de Campo e Laboratório lecionada pelo professor Bittar. (Desenvolvimento das entrevistas no anexo do presente trabalho).

Com a aplicação dos questionários a pesquisa foi tomando novos rumos. De fato, a rua não era mais o lugar de vivência e cotidiano daquelas crianças, foi através dela que pude escolher e delimitar o território da pesquisa, porque a maioria dos entrevistados e pais viviam no Jardim Recanto Suave. Também pude verificar – o que mais tarde se confirmou com os campos no bairro e as entrevistas e depoimentos orais - a raridade, quase escassez de espaços e serviços públicos no bairro. Que conta com um postinho de saúde, com um pequeno campo de terra e um balanço no Suave de Baixo e uma quadra de futebol (que fica fechada e por tanto, não tem seu uso livre), localizada no Suave de Cima, além do CRAS (centro de referencia em assistência social).

A maioria dos pais não deixavam as crianças brincarem na rua e atribuíam a escolha a falta de segurança, as vezes a idade da criança. E o espaço de convivência mais utilizado era o shopping do outro lado da Raposo Tavares. Ali as crianças raramente iam ao cinema, mas era o lugar de passeio.

Ficava cada vez mais clara a importância do projeto ancora para aquela comunidade, que desde 1995, recebeu não só as crianças, mas também os pais com cursos profissionalizantes, ou de informática. Para as crianças no contra turno escolar era tido como lugar seguro, onde existia a possibilidade de realização do brincar, que não estava mediado, por exemplo pela televisão.

Outro ponto importante do processo de pesquisa que é abordado apenas de forma rápida é o poder paralelo do tráfico. Os depoimentos orais indicavam um momento de conflito muito violento entre o tráfico da Favela Zulu e de uma outra favela próxima, que teve anos de duração e que muito esclarece sobre a o esvaziamento da rua, contam de um toque de recolher silencioso, fato que reforça a atuação e importância do projeto no período como alternativa segura.

A dificuldade de dar continuidade nessa temática durante os depoimentos e entrevistas com os moradores é que me fizeram optar por não aprofundar a questão no trabalho, o que não diminui a importância para o entendimento da história e construção do bairro.

Por esse histórico e pelo tempo que levei para construir o trabalho, acabei optando por aprofundar em questões educacionais que se relacionam mais com as minhas escolhas profissionais e momento atual. Pensando a escola como uma possibilidade de desalienação da produção do espaço.

3. CONSIDERAÇÕES

Uma série de trabalhos acadêmicos, artigos, aulas e exposições, traz contribuições importantes para a reflexão teórica sobre o tema. No presente trabalho tenho como referência artigos que contribuem para a interpretação da matéria analisada, em especial as reflexões sobre as contradições existentes entre espaço público e privado e sobre a dinâmica da produção e reprodução do espaço urbano metropolitano na fase de hegemonia do capital financeiro mundializado, momento definidor dos desafios e oportunidades quanto às possibilidades de uma ação afirmadora da cidadania e do direito à cidade, temas tratados no curso de Geografia sob orientação da professora Ana Fani Alessandri Carlos.

No tocante a esta temática cabe salientar o sentido que é dado ao conceito de espaço público como o lócus onde se realiza a história individual e a história coletiva, pela mediação dos lugares de realização da vida, da prática social, definidora da vida na cidade, do espaço público em processo de transformação, no espaço-tempo (relação dos territórios e do processo histórico), elementos que explicitam o movimento de constituição da sociedade: como momento da reprodução do espaço urbano em cada momento histórico, onde a construção do ser humano se faz pelo modo como se apropria o espaço.

Esta apropriação se dá no plano individual que se revela primordialmente no ato de habitar, que adquire sentido pleno no núcleo familiar, mas é no plano coletivo onde ocorre os encontros individuais no urbano, no bairro, na cidade, no país, onde se materializam as relações sociais no mundo moderno contemporâneo. Nas palavras de Carlos (2007, p.41)

trata-se da elucidação de um movimento que envolve a produção e suas relações mais gerais, o que significa, neste contexto, que as relações sociais ocorrem fora dos limites estreitos da produção de mercadorias e do processo de trabalho (sem, todavia, negá-la) para enfocar a vida em todas as suas dimensões (aquele que se desenvolve ligando momentos e lugares como a casa, a rua, o bairro) criando uma trama de relações como trama dos lugares onde se destaca uma rede articulada que liga as práticas sócio espaciais e é assim que a produção do espaço se realiza enquanto produção ininterrupta da vida.

Outra fonte de referência que traz alguma contribuição no debate sobre o resgate da cidadania, um dos temas centrais do presente estudo, são os autores que trabalham sob inspiração do conceito de cidade educadora como forma de superação das diferenças sociais e como instrumento de inclusão social. Esta concepção de educação permanente como um processo que não se esgota, é uma provocação política que se faz às elites dominantes do Estado insensíveis às propostas de compartilhamento efetivo do poder por processos de fato democráticos que viabilizem a participação da população excluída nas decisões do Estado, quanto à elaboração e gestão de políticas públicas, em especial a política educacional.

A partir destas referencias gerais é possível situar as transformações ocorridas no Jardim Recanto Suave desde sua constituição desde a fase inicial do processo de expansão urbana metropolitana de São Paulo, com base na intensificação da industrialização no pós 2^a grande guerra mundial, do século passado até os dias atuais, onde a dinâmica de produção e reprodução do espaço urbano, neste intervalo espaço-tempo da história, revela novos sentidos e conteúdos.

Um dos desafios do estudo é entender as transformações sociais e econômicas que afetam a vida das crianças e jovens vivendo em condição de pobreza e o potencial de transformação dado pela ação de apropriação dos lugares, referência de vida dos personagens do bairro Recanto Suave, em Cotia.

O projeto Ancora enquanto proposta educacional – diferenciada daquela imposta pela institucionalidade do Estado, condutor ideológico do sistema de ensino funcionalizado – ao assumir o desafio de construção de um projeto pedagógico que visa a busca de autonomia social e de resgate da cidadania a partir da prática cotidiana de educandos e educadores, ganha uma objetividade contraditória que contrapõem a esfera privada como agente protagonista da transformação social, àquela da esfera pública, imposta pela ação do Estado, cujo sentido é a manutenção do indivíduo alienado, afastado de um projeto coletivo (e alternativo) de cidade.

A nova pedagogia proposta pelo projeto Ancora de uma plataforma educacional não tradicional coloca como ponto de reflexão crítica a própria

situação de exclusão social dos seres viventes na comunidade, realidade que os tem impedido de se tornarem sujeitos conscientes na condução e direcionamento de suas próprias vidas; impedidos de ver como a matriz cultural dominante, fruto de relações sociais de classe, estruturadas a partir de um núcleo de poder político, por sua vez, expressão de um modo de produção/consumo de mercadorias que conforma as subjetividades e estratégias de sobrevivência das pessoas daquela comunidade. Subjetividades produzidas por um conjunto de aparelhamentos ideológicos ancorados no poder de Estado, onde a escola se destaca no exercício desse papel, sem esquecer, obviamente, o papel da mídia e também da própria família.

O Projeto Ancora passa a funcionar como escola vinculada à rede de ensino fundamental de Cotia a partir de 2012 em tempo integral. A partir de 2017 incorpora também o ensino médio, em um novo desafio. Apesar de ter sido incluído no sistema de ensino fundamental da cidade, o poder público municipal de Cotia ignora, talvez por conveniência, que a prática pedagógica do projeto Ancora subverte os pilares que sustentam a proposta do sistema de ensino local, a partir da adoção de uma nova metodologia de aprendizagem ancorada na entrada do professor José Pacheco, fundador, da Escola da Ponte de Porto, Portugal, e por Claudia Duarte, como coordenadora pedagógica da parte educacional do Projeto.

Neste sentido a proposta pedagógica que o Projeto Ancora passou a adotar em sua prática novos elementos – não existência de muros e ambientes isolados, fixos, como as salas de aula do ensino tradicional; inexistência de hierarquias verticais; instâncias decisórias e deliberativas cooperativas e coletivas; assembleias como forma organizativa superior para o exercício da democracia direta e soluções de problemas; eliminação de notas como referência principal de avaliação; planejamento do processo de aprendizagem em tempo real, no dia-a-dia, abdicando-se de planejamento estratégico como fundamento do processo; inexistência de séries e grades curriculares fixas, mas apenas projetos de aprendizagem autônomos, integração solidária entre educandos e educadores; entre outras características não existentes na escola tradicional, mesmo em ambiente inovadores como o CEU, onde esta prática

pedagógica inovadora encontra resistências, ainda não incorporado ao conceito de escola cidadã.

Este é o diferencial que o estudo aponta, o que torna a perspectiva transformadora do Projeto Ancora uma possibilidade concreta de construção de um novo tipo de sociabilidade e formação cidadã entre crianças e jovens em situação de exclusão social, experiência em pleno curso, no bairro Jardim Recanto Suave no município de Cotia.

Outro conceito que chama a atenção por ser também referência no trato da questão da cidadania e da exclusão social é o conceito de cidade educadora que mostra a importante relação da educação na superação de problemas complexos de nossa realidade social.

Esta concepção de educação que trata o resgate da cidadania para a sociedade de excluídos, ausentes dos benefícios que favorecem as classes sociais situadas nos extratos superiores de renda, é uma provocação política que se faz às elites dominantes do Estado, insensíveis às propostas de compartilhamento efetivo do poder por processos democráticos, que viabilizem a participação da população excluída nas decisões do Estado quanto à elaboração e gestão de políticas públicas, em especial a política educacional.

O conceito de cidade educadora não deixa de ser um avanço e uma fonte de referência como forma de superação das diferenças sociais e aquisição de direitos de cidadania embora não haja indícios que as experiências realizadas até o momento pelas 12 cidades brasileiras que aderiram à carta de princípios estabelecidos no primeiro encontro em Barcelona, tenham dado resultados efetivos até o momento. Ao contrário: ao não se mexer na estrutura da escola tradicional, especialmente no tocante ao projeto pedagógico fossilizado, ancorado ainda no paradigma de séculos passados, nenhum projeto educacional mesmo que permanente, e inclusivo no propósito, por si só, conseguirá quebrar a dinâmica de exclusão social resultado das relações sociais de produção no capitalismo.

Mas apenas por elucidação, cabe mencionar alguns fundamentos do conceito de cidades educadoras, citando alguns dos argumentos de Araújo (2017) e Gadotti (2006), por se tratar de uma visão crítica do sistema, numa

dimensão correta, mas que não avança na direção de uma transformação radical dos paradigmas educacionais determinados pelas classes dominantes, conforme já mencionado, presos ainda a uma concepção ultrapassada de educação, fato que reforça a invisibilidade de determinados tipos de sujeitos, em especial as minorias, formado por pobres, negros e homossexuais. Cito, portanto, algumas ponderações textuais elaboradas por Araújo, seguido por Gadotti, a seguir:

“Enquanto espaço social, a cidade pressupõe a materialidade da vida humana e essa afirmação só faz sentido quando cada sujeito for reconhecido em sua dimensão pública, incluído, portanto, como sujeito de direitos, como sujeito válido na construção de um mundo comum, de um mundo compartilhado....a invisibilidade de determinados tipos de sujeitos no processo de materialização da cidade é que a esvazia da dimensão pública, dando-lhe uma configuração privada, fundada no modo como os indivíduos isoladamente são percebidos na dinâmica social....quando excluídos e privados dessa possibilidade de construir uma esfera pública comum, os diferentes sujeitos ficam fixados nas suas diferenças; julgados, portanto, por suas ações e opiniões...é nesse campo de inquietações que se expõem as fragilidades de um espaço público que não se fez tão público...no horizonte de uma sociedade que se fez moderna e democrática, somos interpelados por um conjunto de ações que mais reforçam o fosso social existente a partir da lógica sempre arbitrária da negação de direitos e de participação política...são estes constrangimentos da vida em sociedade que nos fazem reclamar por outras referências de participação da/na cidade que incluem categorias sociais historicamente excluídas dos processos decisórios e de reconhecimento público”. (Araújo,2017, pg. 137,138)

“Podemos falar em cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade...é a sociedade controlando o Estado e o Mercado...a cidade educadora persegue a utopia das cidades justas, produtivas, democráticas e sustentáveis que são aquelas que conseguem romper com o controle político das elites locais e com as formas burocráticas, corruptas e clientelistas de

governar e estabelecem uma nova esfera pública de decisão não-estatal, como o orçamento participativo e a constituinte escolar, que já se tornaram emblemáticos nas gestões populares ... nesse contexto, o conceito de “Escola Cidadã” ganha um novo componente: a comunidade educadora reconquista a escola no novo espaço cultural da cidade, integrando-a a esse espaço, considerando suas ruas e praças, suas árvores, seus pássaros, seus cinemas, suas bibliotecas, seus bens e serviços, seus bares e restaurantes, seus teatros e igrejas, suas empresas e lojas... enfim, toda a vida que pulsa na cidade...a escola se transforma num novo território de construção da cidadania...a relação entre Escola cidadã e Cidade Educadora encontra-se na própria origem etimológica das palavras “cidade” e “cidadão”.
(Gadotti,2006, pag. 136)

A cidade educadora parte, portanto, desta visão e deixa sua marca em São Paulo, uma das cidades que aderiram à carta de princípios como participante da rede que inclui Porto Alegre, Belo Horizonte, Piracicaba, num total de 12 cidades aderentes ao projeto. São Paulo, que tem como legado a criação dos CEU's (Centro de Educação Unificado) cuja realização no governo Marta Suplicy teve a intenção de revelar o movimento como um exemplo concreto de construção da cidade educadora.

Cabe observar que a proposta de cidade educadora representa um avanço e enquadra-se no movimento geral como uma reação às concepções neoliberais de educação, questionadora das relações sociais de produção e do papel de reprodução ideológica da escola tradicional atrelada que está a interesses que nulificam as diferenças de classes, de etnias e de gênero. Porém, observa-se que esta proposta onde praticada não conseguiu transpor as enormes resistências num contexto de interesses antagônicas de classe. Sobra apenas alguns poucos exemplos de avanços pontuais, sem significar uma ruptura radical com o sistema de ensino tradicional como fica evidente na entrevista conduzida com a coordenadora pedagógica da Escola Ancora, examinado mais adiante.

Em síntese, são estes aspectos que ponho em relevo como fonte de inspiração na elaboração deste trabalho: assim como na pólis grega a cidadania era privilégio dos homens livres, não escravos. Na sociedade capitalista de hoje

a cidadania é privilégio das classes sociais detentoras dos meios de produção e daquelas inseridas no processo produtivo em posição de vantagem para obter uma melhor participação na distribuição do excedente e no valor de produção. Neste sentido o Projeto Ancora revela algumas possibilidades concretas de avanço em direção ao resgate dos valores de cidadania de crianças, jovens e adultos por meio da prática educacional transformadora, experiência em pleno curso, no bairro Jardim Recanto Suave no município de Cotia.

4. JARDIM RECANTO SUAVE

Cotia é um município situado na Região Metropolitana de São Paulo (20,7 milhões de habitantes ou 47,5% do total do Estado) com uma população de 233.703 habitantes, que faz limite a oeste com a cidade de São Paulo. Do ponto de vista econômico a cidade gerava um PIB per capita da ordem de 46 mil reais em 2014, contra um PIB metropolitano de 50,4 mil reais. A maior parte do valor adicionado gerado pela cidade concentra-se nas atividades de comércio e serviços, com uma participação de 68%.

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 5.7 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.5. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 532 de 645 segundo dados da FIBGE sobre o perfil dos municípios brasileiros. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 97.5 em 2010. Isso posicionava o município na posição 446 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 2904 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Em 2015, o salário médio mensal era de 3.4 salários mínimos. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 33.2% da população nessas condições, o que o colocava na posição 218 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 3981 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Além da Favela Zulu, no Recanto Suave, outras tantas se destacam, sendo a maior e mais famosa a do Morro dos Macacos na área central da cidade e a favela do Chiclete, relativamente próxima ao Zulu: nestas 3 favelas estão construídos cerca de 352 barracos que abrigam um número estimado de 1,4 mil pessoas, segundo dados oficiais.

O Bairro Jardim Recanto Suave está localizado no município de Cotia, altura do km 21 da Rodovia Raposo Tavares, entre os bairros Petit Village, Jd. Rebelatto, Horizontal Park, San Diego Park e Pinus Park. O bairro cresceu às margens do Rio Rebelatto, área de várzea, com constantes inundações. Atualmente o entorno é caracterizado por ser um lugar arborizado, com condomínios fechados de alto padrão. Mas não foi sempre assim, segundo relato de um dos primeiros moradores do bairro, o Sr. Nô, em 1968 existiam apenas 3

barracos na parte que eles chamam “de cima”. Onde hoje é o Jardim Rebellato e todo o restante da área – a parte de cima e todo o entorno do rio Rebelatto, até o Petit Village, onde se situa o Projeto Ancora, quase na rodovia Raposo Tavares – era de plantio de mandioca, terras de um único dono, o senhor Albino, morador da cidade de São Paulo. As pessoas que ali residiam trabalhavam na roça, ajudando no plantio e na colheita, e tinham o Rio Rebelatto como fonte de lazer e pesca.

Quando o Senhor Nô chegou da Bahia foi morar em um dos “barracos” que era do seu primo. Nesse tempo as terras já começavam a ser loteadas e logo lhe ofereceram um “pedaço”, segundo ele, “a um preço bem baratinho”. Comprou. Levantou seu barraco e aos poucos foi trazendo a família, até conseguir juntar dinheiro e construir sua casa. Depois, viu outras casas – e não barracos – serem construídos. Ele mesmo fazia as medidas dos terrenos a pedido do Sr. Albino, ainda vivo e morador na Av. Faria Lima, na capital, proprietário de toda essa área. Seu terreno (do sr. Nô) por conta das “ajudas” que prestou ao sr. Albino veio quase de “presente” afirmou ele.

Nessas outras casas, a história se repetia: a partir da década de 50 com o fluxo migratório se dirigindo para a região metropolitana de São Paulo migrantes nordestinos vinham em busca de trabalho na indústria de transformação, no comércio e serviços, em pleno processo de crescimento. Chegavam primeiro os homens e depois traziam a família, trabalhando na terra, na construção civil e no crescente setor de serviços como cozinheiros e faxineiros. Conseguiram, a princípio, construir as suas casas no Jardim Recanto Suave por esse processo de adensamento familiar. Segundo os relatos de depoimentos orais existia nesse período (décadas de 50 e 60), no início da fase mais intensa de urbanização de São Paulo, onde nem mesmo a Rodovia Raposo Tavares era pavimentada, cerca de 200 famílias nos bairros existentes.

Nesta época os trajetos da casa para o trabalho e da casa para a escola eram realizados a pé ou de bicicleta. As plantações no entorno das taboas do rio, era espaço de trabalho em troca de parte da colheita; e para o lazer os jovens contavam com o rio Rebelatto e a rua para os jogos, brincadeiras com bola, pipa e carrinho de rolimã. As brincadeiras acabavam com o começo da noite, já que não existia luz no bairro. Essa era a configuração inicial do entorno da Raposo

Tavares, onde as atividades econômicas baseavam-se nas atividades agrícolas, organizadas para atender a demanda do centro consumidor de São Paulo. Produtores rurais de hortigranjeiros se constituíram inicialmente, com destaque para a comunidade formada por agricultores de origem japonesa, que deu origem a Cooperativa de Cotia. O próprio nome do bairro Granja Viana deriva destas características iniciais de ocupação urbana. Junto com esse processo começa a surgir também os incentivos à industrialização ao longo da parte rodovia na região metropolitana de São Paulo por via de regulamentação legal, conforme estudo de Savioli (2007). É importante registrar o papel da Rodovia Raposo Tavares, no processo de urbanização no redor da metrópole. De forma geral repete o padrão de outras regiões onde o curso do rio, a estrada de ferro ou a rodovia servem como guia no processo de expansão urbana, em especial na região metropolitana de São Paulo.

Figura 1- Localização da área de estudo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em 1981 existiam apenas três barracos na Favela Zulu. Segundo a entrevistada Rita Ribeiro de Lima, a primeira a chegar foi a Dona Janete, depois D. Dolores e seu Irã e em seguida, sua mãe, Odete, os primeiros ocupantes. Em meados da década de 80, se viram “obrigados” a deixar suas casas, a falta de emprego, somado a dívidas em jogos e alcoolismo foram alguns dos fatores

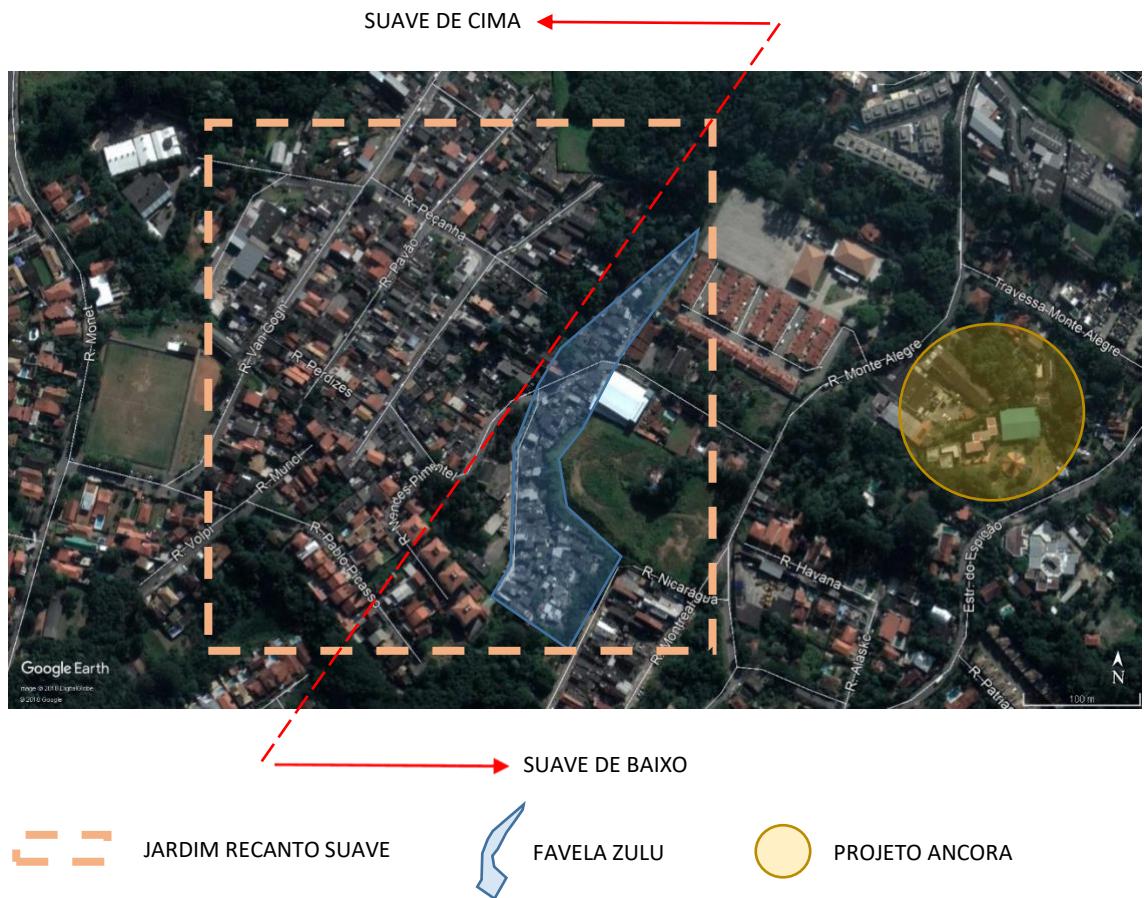
mencionados pelos antigos moradores que levaram à impossibilidade de pagamento dos terrenos ou dos aluguéis, dando origem a ocupação da várzea do Rio Rebelatto e a formação da Favela Zulu, situada na parte de baixo do Recanto Suave. Cabe lembrar que a situação social do país nos anos 80 se agrava sobremaneira, devida à crise econômica global que afeta o regime de acumulação capitalista, fato que caracterizou os anos 80 como década perdida e que perdurou nos anos 90.

Antes mesmo da chegada dos condomínios fechados na região já é possível a partir dos relatos ver o estigma do “favelado” da moradia informal, dos preconceitos e da diferença existente entre os bairros; só o deslocamento para a várzea do rio e a construção informal dessas casas já criou o abismo social no cotidiano dos moradores do bairro, o “Suave de cima” e o “Suave de baixo”, o que marca crucialmente a degradação dessa sociabilidade.

Era a rua o principal espaço de encontro dessas pessoas, a imagem nostálgica de qualquer infância de um início de urbanização, as cadeiras para fora, as crianças e jovens brincando, e vida acontecendo depois do trabalho ou da escola. O rio sendo utilizado pelas mesmas pessoas, as mesmas que depois do trabalho se encontravam e cuidavam da roça.

Uma divisão imaginária e cultural que daí para frente, só ganha mais força. “Suave de cima e Suave de baixo, mas pra todo efeito Suave, da Barbacena pra cá; pois é, isso não está no mapa, tudo aqui é Suave” nas palavras de seu Nô. Segundo ele, “essa era a barreira de um bairro para o outro. Se eu falar para você que estou com 49 anos e ainda não sei o motivo que levou a esta situação. Não dá para saber porque lá em cima eu tenho família, aqui embaixo eu também tenho. Não tem problema a gente frequentar os bairros. A rivalidade que tem é só assim: não gostam de se misturar. Se a gente fizer uma festa – aqui embaixo todos anos a gente faz – uma junina, e do dia das crianças, todos os anos, alguns até vem, outros não. Eu não sei o motivo, creio eu, a gente fala que é porque a gente mora na favela e eles tem uma casa, só que nós também temos uma casa e tudo que eles têm lá nós também temos. E até hoje eu não sei o porquê dessa divisão. A gente não entende até hoje essa divisão.”

Figura 2- Jardim Recanto Suave.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O aumento da quantidade de condomínios fechados de médio e alto padrão relatado pelos moradores do bairro Jardim Recanto Suave coincide com o boom imobiliário que abrangeu toda região às margens da Rodovia Raposo Tavares, nas décadas de 70/80/90, e segue a lógica do quadrante sudoeste de expansão urbana na capital paulista onde se concentram as famílias de alta renda; processo este que transborda para a rodovia Raposo Tavares cuja marca de ocupação se dá pelo marketing de venda que tem como fator de atração a

qualidade de vida, próximo do verde e da natureza, áreas relativamente próximas dos grandes centros comerciais da metrópole. O surgimento de novos equipamentos neste vetor passa a gerar novas centralidades representado pelo crescimento da Granja Viana e seu entorno ao longo da Raposo Tavares, situado a apenas dois quilômetros do Bairro Jardim Recanto Suave.

Ou seja, o outrora bairro de características rurais, o Jardim Recanto Suave, passa a incorporar-se nesta dinâmica de transformação do espaço e situa-se hoje como um enclave no meio de condomínios fechados, status que revela a existência de fortes contrastes sociais fruto de uma dinâmica perversa de produção e reprodução do espaço urbano, marcado pela desigualdade. Nesta configuração as diferenças de renda marcam a trajetória de vidas das crianças e jovens pobres da Favela Zulu, na parte de baixo do Recanto Suave, onde ocorre em paralelo a consolidação do tráfico de drogas cujo exercício de poder sobre o território fica manifesto pelo toque de recolher “silencioso” imposto na favela, fatores que impuseram uma nova dinâmica na sociabilidade no Jardim Recanto Suave. Essa realidade passa a gerar o sentimento do medo onde a rua enquanto espaço de brincadeiras passa a perder terreno diante do poder do tráfico, referência imposta na criação de “oportunidades” de trabalho e na venda de segurança, dado a ausência do poder público no local.

5. PROJETO ANCORA

É neste contexto que surge o Projeto Âncora criado em maio de 1995, localizado na Estrada Municipal Walter Steurer (antiga Estrada do Espigão), nº 1239; Jardim Rebelatto, entrada do Km 21 da Rodovia Raposo Tavares, no Município de Cotia. Construída em um terreno de 11.000 metros quadrados, atua como uma organização de assistência social com a seguinte missão: a) educar para a cidadania ativa, solidária e responsável, em parceria com a escola, a família e a comunidade. b) elevar os índices de educação e desenvolvimento humano de crianças, adolescentes e idosos. Suas principais ações foram de formação escolar inicial (creches) e complementação da educação formal de crianças e jovens e idosos através de projetos educacionais de apoio, e de oficinas voltadas ao apoio e orientação da formação profissional, projetos na área de lazer e cultura com o propósito de formar cidadãos com senso de participação social sob o signo da ética e da solidariedade e capacidade de observação crítica da realidade, conforme consignado em material institucional.

O Projeto foi uma iniciativa que surgiu de uma ação empresarial com um caráter inicial meramente assistencial com foco na população jovem de baixa renda. A maioria das famílias atendidas pelo projeto Ancora recebe entre um e três SM (Salários Mínimos) seguindo o modelo das associações vinculadas ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). São empregados na indústria e comércio locais e de outras cidades próximas ou subempregados em trabalhos informais como manicures, pedreiros, diaristas, faxineiras, vendedores ambulantes, etc. A grande maioria trabalha em outras regiões e cidades vizinhas como São Paulo, Carapicuíba, Itapecerica da Serra, Taboão da Serra, Embu das Artes, Vargem Grande Paulista, Itapevi, entre outras. Arcando com o ônus destes deslocamentos de longas distâncias passando horas em trânsitos congestionados chegam a passar mais de 12 horas longe de seus filhos menores, deixando-os aos cuidados de avós, tios, vizinhos.

Estas famílias e seus parentes próximos, muitas vezes coabitam em aglomerados sem condições adequadas para todos, subsistindo com aposentadorias, benefícios assistenciais (Bolsa-Família, Renda Cidadã, entre outros), que na maioria dos casos não ultrapassam o valor de um salário mínimo.

O Projeto Âncora atende cerca de 200 crianças e adolescentes do município de Cotia, dos bairros Recanto Suave, Jardim Rebelatto, Jardim do Engenho, Jardim Barbacena, Jardim da Glória, Jardim Santa Maria, Jardim Sabará, Jardim Santa Isabel entre outros. Desde 2012, com a vinda do educador José Pacheco para São Paulo, e da coordenadora pedagógica Claudia Duarte, o Projeto tornou-se uma Escola de ensino fundamental e médio, inscrita no Conselho Regional de Educação, com atendimento em tempo integral e no contra turno para as demais escolas.

Foi a partir de sua transformação em Escola que o Projeto Ancora passa a assumir um papel efetivamente transformador e pioneiro do ponto de vista educacional. Por ter conhecimento prévio da experiência realizada na cidade do Porto em Portugal e do impacto revolucionário causado no sistema de ensino tradicional, resolvi acompanhar de perto seu desenvolvimento no Brasil através da experiência em curso em Cotia por meio do Projeto Ancora. A primeira visita que fiz ao Projeto Âncora aconteceu no dia 14 de setembro/2013 e foi marcada com antecedência com a coordenadora Cláudia Duarte. Tinha como objetivo, além de conhecer o projeto, apresentar a proposta de pesquisa e conseguir autorização para que a comunidade fizesse parte dela como estudo de caso. A partir daí iniciamos uma série de entrevistas, base de informação para a dissertação do presente TGI. Inicialmente, cabe dizer, no meu encontro com a Claudia ela me contou um pouco sobre a estrutura do Âncora e também sobre os novos planos e parcerias entre o projeto e a Escola da Ponte de Portugal, mais especificamente com o educador José Pacheco, fundador da mesma. Comecei a fazer muitas perguntas, Claudia, como é de praxe, me apresentou para duas alunas, as quais fariam a apresentação do espaço e a princípio responderiam todas as minhas dúvidas: “vocês podem apresentar o Âncora para Maria Rita? Maria Rita, pode perguntar o quiser para elas...”

Assim começou a minha visita ao espaço, conhecendo o projeto através de duas educandas e a maneira como elas viam sua vivencia no Ancora, antes e depois da criação da Escola; assim, começaram mostrando primeiro o circo, depois a pista de skate, a creche, a biblioteca, o “canto” de baixo da escada onde elas gostavam de estudar e assim por diante, até a apresentação de uma oficina de circense.

Em seguida, nesses imprevistos do campo – nesse caso, um bom – encontrei a viúva do fundador do Âncora, Regina Steurer, arquiteta urbanista, especializada em arquitetura teológica e que é ativa no projeto desde a sua fundação. Regina fez questão de sentar-se comigo e contar o histórico do projeto. O uso da rua e as questões cotidianas, o desafio do resgate da cidadania não reconhecida, eram uma constante nas suas falas, e corroborava uma das preocupações do tema de pesquisa. Desta forma conquistei a autorização para a realização do trabalho e combinamos que num próximo encontro eu apresentaria um planejamento das atividades pretendidas, dentre elas as entrevistas com os principais atores do processo, parte fundamental na construção deste trabalho de graduação no curso de Geografia da USP, que passo a relatar de forma sumarizada a seguir.

6. ENTREVISTAS

6.1 Entrevista com Cláudia Duarte

O depoimento de Claudia foi um dos mais extensos, e procurei na medida do possível sumarizar e contextualizar sua fala, não exatamente de acordo – *ipsis literis* – com a narrativa gravada. Para melhor entendimento resolvi quebrar a fala em itens para melhor compreensão do discurso. Portanto, não está expresso em itálico em grande parte do texto, enquanto fala direta.

6.1.1 Histórico

No início do Projeto Ancora em 1995 muito dos alunos que tinham sido alunos da educação infantil pelo CRAS passaram a frequentar o ensino fundamental das escolas do entorno (Escola Municipal Recanto Suave, Escola Fernando Nobre, Peixinho Dourado, entre outras) mas permanecendo ainda nas atividades oferecidos pelo Ancora no contra turno – atividades do Circo, Coral, Oficinas de Artes e Skate, entre outros.

Quando a Escola de Ensino Fundamental foi criada pelo Ancora, em 2012, muito dos educandos que concluíram a educação infantil pelo CRAS e entraram no ensino fundamental das escolas do entorno, voltaram a frequentar o ensino fundamental da Escola do Ancora. Lembrando que antes de 2012 no ensino infantil predominava o perfil de famílias de baixa renda devido às regras do CRAS: famílias com renda de até 3SM e moradoras até 3Km do Ancora. Com a criação do fundamental mudou também o perfil de renda das famílias que passam a frequentar a Escola na medida em que muitas destas famílias neste período, de 1995 a 2012, conseguiram melhorar de vida ao conseguir se empregar, ou criar um pequeno negócio, aumentando as possibilidades de ascensão social, mas que mesmo assim optaram por recolocar seus filhos na nova escola do ensino fundamental do Ancora.

As famílias do Recanto Suave tinham um carinho muito grande com o Ancora, porque o empresário Walter Steurer, proprietário da área e organizador do Projeto, ajudava as famílias mais carentes a superar suas dificuldades mais prementes. Pai de dois filhos o empresário percebeu que pensar o projeto apenas em sua dimensão assistencial era insuficiente para o exercício de um projeto mais ambicioso de transformação social. O que o levou a considerar a

hipótese de uma alternativa educacional para o Projeto e que resultou na criação da Escola de Ensino Fundamental e posteriormente do ensino médio, em 2017. Com isto as crianças passariam a ficar em período integral no Ancora condição essencial para um salto de qualidade no processo de aprendizagem. No início do funcionamento da Escola as demais escolas da rede do ensino fundamental do entorno começaram a transferir crianças “problemas” para o Projeto. Hoje as escolas da rede de ensino fundamental situadas no entorno passaram a não mais usar o contra turno do Ancora, restando apenas as crianças da educação infantil em tempo integral, por força do convênio com o CRAS.

Para ampliar o recebimento de filhos de famílias de renda superior para além dos filhos dos educadores, uma vez que a demanda por acesso passou a aumentar, foi necessário criar uma nova ONG de caráter educacional dentro da ONG mãe, um passo necessário para sair do guarda-chuva do CRAS e assim poder ampliar o atendimento da Escola para atender famílias de melhor poder aquisitivo e ampliar o espaço democrático da Escola.

A partir desta “filial” da ONG foi possível aumentar a oferta de vagas para atender a demanda de outras classes sociais em especial aquelas de melhor poder aquisitivo, ampliando assim o espectro de convivência das famílias ingressantes de maior renda com as de baixa renda que lá permaneciam. Pelo modelo anterior apenas crianças de um determinado perfil social e econômico poderiam ser admitidas por exigência das regras estabelecidas pelo CRAS, conforme mencionado.

No início era difícil trabalhar as “trocas entre diferentes” em função do perfil mais homogêneo dos educandos. Hoje, com a ampliação do ingresso de crianças da classe média as possibilidades de convivência com as várias diferenças – gênero, etnia, inclusive renda – aumentaram e também a complexidade do tratamento das questões diferenciais envolvidas. Ou seja, o aumento na variedade de trocas ampliou o espaço democrático da Escola e propiciou uma situação mais propícia de enriquecimento das vivencias e refletiu-se na imagem do Ancora que ficou mais em evidencia a partir da incorporação da metodologia da Escola da Ponte adaptada à realidade local, e a adoção de um plano de divulgação institucional.

A maior visibilidade dada ao projeto pela divulgação do trabalho na mídia nacional e internacional implicou no reconhecimento de sua metodologia inovadora fato que passou a influenciar na decisão de muitas crianças residentes no entorno, pesando na decisão de vir para o Ancora. Neste processo é impressionante observar o retraimento da rede pública em relação à experiência em curso no Ancora, apesar de terem sido procuradas para desenvolver um trabalho em parceria já na criação da Escola de Ensino Fundamental. A resistência fica evidente por parte da burocracia do sistema de ensino, inclusive de alguns professores que passaram a falar mal do projeto Ancora, mais intensamente e contraditoriamente, a partir da entrada do Ancora na rede de ensino.

A favela Zulu situada na parte de baixo do Recanto Suave com predomínio de habitações subnormais é parte considerável no conjunto de matrículas que engloba também os moradores da “parte de cima”, cujos moradores detêm melhores condições de moradia. A “parte de baixo” é de fato uma favela com habitações precárias construídas às margens do córrego com esgoto correndo a céu aberto. As crianças de lá que frequentam o Projeto normalmente são portadores de doenças de pele em função da precariedade de infraestrutura habitacional e de tratamento de esgoto.

O Ancora tem liderado várias ações de limpeza do córrego para o recolhimento de lixo. Assim como o Recanto tem sua favela, o Jardim Rebelatto bairro próximo ao Ancora também tem famílias de baixa renda vivendo em habitações subnormais. Não existe nenhuma política pública do município voltado à regularização da Favela Zulu ou plano de reurbanização pelo que se saiba e poucas áreas de Zonas de Interesse Social (ZEIS) criadas conforme o Plano Diretor do Município e a Lei de Uso e Ocupação do Solo. Ao contrário, uma fábrica implantou-se na Favela, ao lado do córrego Rebelatto, não se sabe em que bases legais, e no local ergueu um muro alto se isolando da comunidade que ali vive. Há rumores de que a intenção dos empresários e dos proprietários moradores nos condomínios é deslocar as famílias para outro local onde haja projetos de construção de casas populares tipo Minha Casa Minha Vida ou do CDHU, e forçá-los a sair em algum momento. Por enquanto as famílias do Zulu e do Suave tem muitas de suas crianças frequentando a escola infantil e várias

daquelas que se encontravam no fundamental nas escolas do entorno, retornaram ao Ancora.

6.1.2 Fundamentos do Projeto Escolar

O projeto Ancora em sua fase inovadora, não apenas assistencialista, quando se torna uma Escola de ensino fundamental e de ensino médio, reconhecida pela Prefeitura Municipal de Cotia, se coloca como alternativa diferenciada em relação ao padrão homogeneizador e funcionalista da escola tradicional ao tomar como referência pedagógica desde 2012 a experiência da Escola da Ponte, na cidade do Porto em Portugal. Mais que isto, torna-se um projeto que quebra os muros, as salas de aula, as grades curriculares, as notas, e a relação hierárquica que tolhe a liberdade e a criatividade dos educandos e educadores.

As relações neste novo paradigma educacional e pedagógico passam a ser horizontais, democráticas, cooperativas e solidárias, portanto não verticais e hierarquizadas. Ninguém ensina ninguém: todos aprendem com a prática, de forma cooperativa na apropriação dos saberes e na desconstrução cultural.

O elemento condutor do processo de formação é a busca da autonomia tanto do educando como dos educadores. Todo espaço torna-se espaço de aprendizagem na criação de competências individuais e coletivas. O projeto Escola visa a formação de educadores inspirado entre outros na contribuição prática e teórica da pedagogia de Paulo Freire: leva em conta a reflexão crítica sobre a prática pedagógica em equipe e a metodologia de trabalho está assentada em princípios democráticos, onde a Assembleia é uma das referências básicas enquanto instrumento de decisão no processo de construção do espaço de aprendizagem.

As Rodas de Compartilhamento, Ajuda ao Outro, Momentos de Leitura, Horário de Tutoria, Passeios Externos, Grupos de Reflexão, Rodas de Conversa, Grupos de Responsabilidade, são algumas das formas de exercício da gestão e do planejamento educacional no processo de construção da aprendizagem no dia-a-dia. Um dos aspectos que diferencia a proposta do Projeto Ancora da prática imposta pelo modelo da Escola Tradicional é o reconhecimento das diferenças existentes entre as crianças, como dados situacionais básicos,

enquanto referência de planejamento de atividades, contrário ao planejamento estratégico praticado pelo sistema de ensino institucionalizado onde o planejamento trata todos educandos como se fossem iguais, nas respectivas séries e turmas em que se situam, nivelados pela média.

Na Escola do Ancora o tratamento é diferenciado, pois cada educando é considerado como único, e não tem turma e nem série. São cerca de 200 crianças cada uma com necessidades específicas: potencialidades, habilidades, condições emocionais, situações de vida, repertórios e conhecimentos diferentes. O tutor faz o trabalho de estabelecer vínculos, conhecer a criança, perceber como ela é, verificar o que ela sabe e aquilo que não sabe, observar o ritmo dela. Por isso não tem como pré-definir atividades, como se faz numa escola tradicional.

Na Escola do Ancora as atividades de planejamento são diárias conforme roteiros gerais de estudos definidos junto com os tutores. Roteiros que são definidos respeitando-se as dificuldades do educando.

Neste sentido o planejamento é prioritariamente dirigido para o plano individual procurando preservar o processo de desenvolvimento da autonomia dos educandos. Mas existe ao lado do momento individual os momentos coletivos onde as dificuldades em geral são postas em relevo no plano conjunto de elaboração dos roteiros de estudos envolvendo educadores e educandos. Este planejamento obviamente pode exigir um tempo mais longo de dias e até semanas de acordo com o nível de autonomia desenvolvido pelo educando.

Então, com este tipo de ação o que estamos conseguindo desenvolver hoje no Ancora resulta na construção de uma nova metodologia pedagógica de ensino. Algo que não se encontra ainda no estado da arte pois é um processo contínuo, mas que, pode-se dizer, já atinge algo em torno de 50% de resultados inovadores, parcela do que poderia ser considerado como um todo ideal. Isto já é muito bom porque trata-se de uma conquista adquirida na construção de uma prática autônoma pelo próprio corpo de educadores do Ancora, e que está sendo registrado e transmitido nos encontros de Transformação Vivencial.

Logo no início do Ancora o transporte das crianças que moravam mais longe era feito por ônibus do projeto e a pé e de bicicleta. Mais tarde ficou inviável

ao projeto manter a oferta gratuita deste serviço. Com o início da Escola no Ancora e com a criação do ensino fundamental muito dos alunos que tinham sido alunos da educação infantil passaram a frequentar o ensino fundamental das escolas do entorno (Escola Municipal Recanto Suave, Escola Fernando Nobre, Peixinho Dourado, entre outras) mas permanecendo ainda nas atividades oferecidos pelo Ancora – atividades do Circo, Coral, Oficinas de Artes e Skate – no contra turno.

O corpo de funcionários administrativos do Ancora é buscado preferencialmente no próprio entorno do Ancora. A CRAVO é uma sigla que significa Comissão de Recepção e Acolhimento a Voluntários Oficineiros, instancia que faz o filtro para a aceitação de colaboradores voluntários que queiram contribuir com a aprendizagem do Ancora. Antes da admissão todo colaborador passa por um processo de assimilação da metodologia do projeto – valores pedagógicos – que os capacitarão a tornar-se um eventual colaborador do projeto.

6.1.3 Sobre o projeto Cidade Educadora

No sistema educacional atual existem algumas poucas instituições tentando encontrar novos caminhos. Mas todas as propostas inovadoras ficam no papel e não conseguem se impor na prática. A impossibilidade de desenvolvimento de um projeto de autonomia de fato se dá em função do enquadramento na lei de diretrizes e bases da educação*, persistindo assim o velho modelo de divisão dos educandos por idade, seriação e a formalização das aulas. É necessário quebrar as estruturas arcaicas das escolas para que surja a possibilidade de desenvolvimento e transformação.

Antes de conhecer o professor José Pacheco*, Cláudia já ouvia isto de vários autores, entre eles Phelippe Perenoud¹, que fala sobre a pedagogia diferenciada. O fato é que as estruturas das escolas são montadas segundo um modelo de fábrica, um modelo militar. O papel dos professores no sistema tradicional peca muitas vezes pela acomodação que se traduz em resistência à

¹ **Philippe Perrenoud**, Doutor em Sociologia e Antropologia, nasceu na Suíça, em 1944. Atualmente, é professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, na Universidade de Genebra das áreas de currículo escolar, práticas pedagógicas e instituições de formação.

introdução de uma metodologia alternativa. Acostumados a repetir sempre os mesmos procedimentos impostos por um modelo sistêmico ultrapassado, o papel do professor torna-se um dos fatores de permanência dos vícios originais.

Segundo Claudia Duarte, é preciso quebrar a acomodação/resistência do professor, como proposto no projeto Ancora. Conforme sua fala: “o que falta é acolher o professor e não o culpar pelos erros da escola tradicional, coisa que fazemos aqui com o programa Transformação Vivencial, para que as pessoas possam compreender nossa proposta da forma mais afetiva possível. Sabe qual as maiores expressões de surpresa das pessoas que frequentam nossos encontros? Assim se expressam: ‘nossa, mas é tão bom, como eu nunca fui perceber isto’ dizem! Ou seja, você não vai conseguir inovar em educação se não quebrar com as velhas estruturas da escola tradicional.”

Esta estrutura – que tem muita força – onde o professor vai para a sala de aula e mesmo que tenham tirado o tablado, ele ainda é o centro, como se fosse o detentor do conhecimento e o aluno mero receptor do que ouve e reproduz; além do mais é avaliado por um instrumento que se chama prova, como se fosse uma avaliação real; quando, de fato, a avaliação deveria ser considerada como um processo que se aplica junto com o educando, a todo momento, todo o dia, acompanhando a evolução da aprendizagem. A avaliação não pode ser um momento estanque, pontual. Ela provoca vícios e normalmente leva a falsas conclusões, e a práticas enganosas, do tipo como aprender a ludibriar, a falsear. Cláudia acredita, inclusive e se questiona, se toda a corrupção que existe hoje, não começou pela família, mas sim pela Escola tradicional pela persistência de práticas enganosas.

Ou seja, como falar em Cidade Educadora, se tudo que a Escola representa continua a acontecer segundo o velho modelo. Então você tem nuances onde existe uma série de pessoas tentando fazer coisas, pensando em novo sistema, por exemplo, mas que não consegue fazer avançar e que se frustram. É necessário cuidado quando se fala de cidades educadoras porque no caso, cita-se o Gadotti como exemplo de quem reflete sobre uma nova concepção de Escola. Mas cabe ressaltar que pensadores muito antes do Gadotti já falavam em cidades educadoras numa concepção ampla de educação que envolvia todos os espaços possíveis para além da Escola como espaços de

aprendizagem onde deveria se exercer e se dar na prática a ação pedagógica da transmissão do conhecimento. Um desses autores foi Lauro de Oliveira Lima² que visualizava a escola se entranhando em todos os espaços da sociedade, como espaços de aprendizagem.

Que questionamentos a escola tradicional faz por exemplo sobre o que é aprendizagem? Por acaso aprendizagem é decorar conteúdos para serem testados numa prova? E depois esquecer 90% do conteúdo decorado ao longo de seu processo de vida e fazer escolhas não relacionadas àquilo que foi dado? Ou, aprendizado é algo que gera competências para você realizar e resolver coisas como um ser social agindo individualmente e coletivamente como cidadão de fato, como se apregoa no conceito de cidade educadora?

Em resumo, na prática, não conseguimos o desenvolvimento de autonomia, se não rompermos, com as estruturas arcaicas das instituições escolares, e se não perseguirmos cinco princípios éticos básicos de convivência entre educandos e educadores: respeito, solidariedade, afetividade, honestidade, responsabilidade.

6.1.4 O Projeto Ancora e a Apropriação do Território

São vários movimentos que a Escola do Projeto Ancora faz neste sentido. Algumas famílias participam dos projetos e das ações no seu dia a dia. Existe para tanto a Associação dos Pais e Amigos do Projeto Ancora (APAPA) onde vários dos problemas que afetam o projeto e das ações planejadas são discutidos nesta instância. Há também um outro projeto que se chama Ocupa Ancora, movimento formado por pais e pessoas da comunidade, inclusive pertencentes às famílias de baixa renda habitantes da favela Zulu, que se reúnem e coordenam ações concernentes a interesses da comunidade. Outra forma de sair dos muros são as atividades desenvolvidas fora do Ancora que abrange visitas institucionais e visitas técnicas e de assessoria a outras escolas feita pelo seu corpo técnico; as visitas feitas ao projeto Ancora, normalmente por

² Lauro de Oliveira Lima e sua obra se confundem na história do pensamento pedagógico brasileiro e mostra a importância da educação para o Brasil. Nascido em Limoeiro do Norte, Ceará, no ano de 1921, formou-se em direito e filosofia e foi diretor do ensino secundário do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Trabalhou no Ministério no início da implantação dos planos nacionais de alfabetização, foi cassado pelo governo militar, e pioneiro de um método pedagógico baseado na teoria de [Piaget](#).

outras escolas envolvendo educadores de todo o país que a procuram para participar dos encontros de Transformação Vivencial e depois continuam a participar nas ações em rede virtual.

Existem ações também relacionadas aos projetos desenvolvidos com os educandos como o projeto do lixo, o projeto da maquete, atividades que envolvem pessoas da comunidade. As crianças demandam participação nos eventos relacionados à conjuntura do país envolvendo temas que são tratados nos Grupos de Interesse, onde as próprias crianças e jovens demandam atenção dos educadores, por exemplo, assuntos relacionados ao impedimento da Presidenta Dilma, a reforma do ensino médio, a defesa dos índios, entre outros temas. Os educadores as levam para visitas às várias instituições a exemplo das sessões da Câmara de Vereadores de Cotia, Assembleia Legislativa do Estado, e até na Câmara de Deputados em Brasília, por ocasião da votação do impeachment. No movimento de ocupação das Escolas Estaduais do ensino médio também houve participação dos educandos do Ancora.

Em todos estes eventos, inclusive aqueles movimentos acontecidos enquanto manifestação política de resistência ao golpe, os educandos e educadores participaram após discussões realizadas em cada Grupo de Interesse, com participação inclusive dos pais e familiares, que tinham a opção de comparecerem ou não nas manifestações públicas.

5.1.5 Fontes de Financiamento

Em primeiro lugar é preciso entender que antes de se tornar Escola o Projeto presta serviços de assistência social às famílias cadastradas no CRAS que é uma unidade pública responsável pela organização e oferta de serviços de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Este programa recebe o nome de Criação e Fortalecimento de Vínculos que visa o atendimento de crianças, jovens e adultos no fortalecimento de vínculos.

Alguns critérios são exigidos pelo CRAS, por exemplo, que as crianças morem num raio de até 3 km do Ancora, e que as famílias tenham uma renda de até 3 SM. O projeto Ancora tem o reconhecimento do CEBAS que é um certificado concedido pelo Governo Federal, por intermédio dos Ministérios da Educação, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e da Saúde, às

pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecidas como entidades benéficas de assistência social que prestem serviços nas áreas de educação, assistência social ou saúde.

Este certificado permite a obtenção de alguns benefícios fiscais indiretos como a desoneração da folha de pagamento. Ou seja, a Escola Projeto Ancora é uma parte do Projeto Geral que engloba a parte de assistência social. Afora a transferência de recursos via CRAS para atender os projetos assistenciais, a instituição é apoiada financeiramente por membros apoiadores do projeto, via contribuição direta ou por destinação de parte do imposto de renda, destinação da Nota Fiscal Paulista, entre outros benefícios existentes. A partir da incorporação da Escola (Ensino Fundamental e Ensino Médio) o projeto passa a receber doações por visitas feitas com agendamento prévio, com o intuito de melhor conhecer a filosofia e propostas do projeto. Nesta modalidade as crianças recepcionam as visitas e como monitores mostram a escola e o projeto aos visitantes, depois participam de uma roda de conversa para perguntas e esclarecimentos, conforme agendamento.

Outra modalidade de apoio e que normalmente é um prolongamento do interesse derivado da primeira visita das pessoas físicas e jurídicas que lá foram e que mostram interesse em aprofundar sua vivência com as práticas diárias de vida da Escola é a atividade à qual é dado o nome de Transformação Vivencial. Nesta modalidade os visitantes ficam durante uma semana alojada no Projeto, em troca de uma contribuição financeira combinada. As pessoas entram no domingo à tarde e saem na sexta no final do dia ou no sábado pela manhã. Nesta atividade as pessoas vivenciam todas atividades da Escola.

Fora esta modalidade de autofinanciamento existe a assessoria técnica prestada às outras escolas que queiram iniciar projetos semelhantes na área de educação inovadora, baseada na metodologia do Ancora. O projeto também dá palestras e cursos como forma de divulgar a Escola. Conforme atestou Claudia: *“Eu, por exemplo, estou escrevendo um livro falando de todo o processo de criação da Escola que também será uma fonte alternativa de renda para a Escola. Hoje, com o aprofundamento da crise econômica do país, a Escola passa por um momento delicado de escassez de recursos financeiros”.*

6.2 Entrevista com Regina Steurer

Em 1995 foi concebido o Projeto Ancora pelo casal Regina e Walter Steurer. Regina conheceu o empresário Walter Steurer em 1994, que residia ao lado do terreno onde foi construído o Ancora. Anteriormente o projeto do Walter era construir um condomínio. Separou-se da ex-mulher neste ano e foi morar na chácara. Contratou a (Regina) para construir uma capela. Após conhecer a Regina, assistente social e da Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão Luiza Erundina, onde trabalhava com habitação popular, Walter mudou de ideia e resolveram, de comum acordo, criar um projeto social, assim se expressando na época: *“chega de ganhar dinheiro agora vou usar o dinheiro numa coisa que valha a pena”*.

Em outubro de 1995, segundo declara a entrevistada, *“o casal iniciou um roteiro de viagens para conhecer experiências de outros institutos no Brasil, dentre eles o Projeto Axé em Salvador, o Salão do Encontro em Betim, e outras iniciativas no Rio de Janeiro. Foram destas visitas que se teve a ideia de montar o Circo. Durante 1996 foram realizadas as edificações no terreno, dentre elas o Circo situado no centro do terreno junto com a praça. A praça e o circo foram concebidos como o centro dos encontros. No final de 1996 foram criadas as bases legais visando o funcionamento do instituto, e iniciou-se a divulgação junto à comunidade, com um caminhãozinho anunciando no bairro o início das atividades do Circo”*.

Em 1997 ocorrem as primeiras matrículas. Foram filas enormes com as mães e seus filhos. Não tínhamos eu e o Walter experiência com educação nem com assistência social, por isso a gente começa um pouco no escuro. Eu lembro que a gente tinha que ir atrás de contratar pessoas: na área administrativa a gente contratou pessoas que moravam próximo daqui. No circo o Walter quis contratar o que houvesse de melhor que fosse referência no tema e contratou a consultoria da Verônica Takaoka para a implantação do circo. Eu tinha acabado de sair da Prefeitura na gestão da Erundina, eu trabalhava com habitação popular. Vieram pessoas que eu considerava legais para trabalhar aqui comigo; era meio sem saber muito bem o que iria acontecer, com crianças chegando para ter as primeiras atividades de esporte, cultura e lazer. A primeira diretoria foi composta por amigos convidados.

O Projeto Ancora começou a funcionar no contra turno das escolas municipais, oferecendo opção de jogos, brincadeiras e oficinas de arte e o circo, como possibilidades de promover a formação complementar à educação formal e assistencial às crianças moradoras do entorno, principalmente do Jardim Recanto Suave. Todas crianças vinham a pé. No início elas vinham do Recanto Suave, do Barbacena, do Engenho e do Rebelatto. Só depois que passaram a vir as crianças do outro lado da Raposo Tavares. A partir de 1998 com o crescimento do Projeto começamos a sentir dificuldades e a necessidade de um planejamento estratégico. Eu me lembro que nessa época após o nascimento de nosso filho Pedro, o Walter começou a ter um outro olhar a partir da interrogação sobre como fazer com a educação do filho. E aí não tínhamos coragem de colocá-lo em qualquer lugar. Daí pensamos que o local natural para ele frequentar seria aqui no Ancora. Este foi o início, portanto, de um processo de reflexão que culminou mais tarde na criação do ensino fundamental e convite para que não fosse qualquer coisa apoiada no modelo do ensino tradicional, mas o surgimento de uma nova proposta. Em decorrência desta vontade formulamos o convite ao José Pacheco da Escola da Ponte, para junto com a Claudia Duarte, encararmos este desafio. Desafio plenamente atendido pelo trabalho desenvolvido pelos dois, que culminou em curto espaço de tempo num acumulo de resultados amplamente satisfatórios e inovadores".

6.3 Entrevista com Rita de Lima

Rita de Lima é mãe de cinco filhos e residente no bairro Jardim Recanto Suave, há 48 anos, hoje moradora da Favela Zulu. Tem 49 anos de idade. É filha de seu Raimundo mais conhecido como seu Lima. Conhece o bairro como a palma da mão e muitas famílias do local. Tanto assim que afirma: "se meus filhos saem na rua e estão lá em cima, eles mandam descer porque não é para ficar na rua. Meu pai é pernambucano e minha mãe é baiana de Ilhéus. Meu avô baiano faleceu há cinco anos. Nossa vida foi muito sofrida. Aqui moram seis irmãs e cinco irmãos. "

Nas palavras de Rita: "minha mãe tem mais de 70 anos e a gente precisa estar junto dela. Meu pai veio de Pernambuco pra cá e conheceu minha mãe já com três filhos; casaram e vieram morar no Rio Pequeno em São Paulo. Cheguei aqui com 7 meses. Depois minha mãe foi buscar os demais irmãos que moravam

na Bahia, que eram de outro casamento dela. Quando chegamos aqui, o bairro já era conhecido como Recanto Suave. O bairro era muito pequeno, tinha poucas casas, ruas de barro e sem iluminação elétrica. Com o passar do tempo foram chegando outras famílias. O primeiro morador foi seu Altino que já morreu. A dona Nelcina, que está viva ainda até hoje, dona Alicia e dona Regina, pessoas mais velhas que minha mãe. ”

E prossegue: “aqui nesta baixada do Suave tinha muita taboa, e mais lá em cima onde fica o campo e mais adiante os condomínios onde hoje está o Horizontal Parque, tinha uma fazenda de plantação de hortaliças, verduras, mandioca e um grande pomar cuidado pelo Sr. Massa, de origem nipônica, que hoje já não mora mais aqui. Algumas famílias ajudavam o Sr. Massa; até crianças tinham o hábito de ajudar na época de colheitas, ajudar a adubar, a plantar. Em troca recebiam a verdura, a fruta. Naquela época já tinha aqui em torno de 200 famílias, mais ou menos de 150 a 200 casas.

A parte de cima que não se mistura conosco aqui em baixo eram casas de alvenaria, e de madeira aqui em baixo. Na época já era considerado como favela. Eu já tive casa na parte de cima. Na época meus pais compraram uma casa. Mas em razão de cabeça quente e de ser viciado em jogos, vício de bebida, foi perdendo aos poucos o que tinha. Foi perdendo, ao ponto que ter que vir morar na favela. Mas estou bem graças a Deus. A favela começou no terreno onde havia as taboas e era da Prefeitura. E alguns dos moradores que vieram primeiro foram limpando e fazendo as casas. Quando a gente viu que não tinha mais onde morar a gente também veio. Diziam que a área era da Marinha.

Nunca tiraram a gente, nunca mexeram com ninguém. A ameaça de retirar as pessoas do lugar era mais com aquele pessoal do fundo, porque diziam que era área de maior risco. Lá fizeram casas em cima de pilares de madeira e madeira apodrece se está dentro do rio. Mas aqui, onde estou, nunca teve problema mais grave de enchente. Há cinco meses o CRAS passou aqui fazendo essas numerações nas casas, essas tintas pretas que você está vendo aí. Mas acho que fizeram isto só para ter uma base de quantas famílias moram aqui. Porque aqui nunca vieram para fazer cadastro de filho e essas coisas. Aqui a gente trabalha voluntariamente no projeto FZ – Favela Zulu.

Organizamos festas no dia das crianças onde a comunidade participa com o que pode, contribuindo com bolos e seus ingredientes. Se a gente vai fazer a nossa festa junina já temos nossos patrocinadores que são os próprios moradores do bairro. Ou que tem seu comércio igual o Ronaldo e a Débora que tem a pizzaria. Então esses são nossos voluntários. Os patrocinadores também podem apoiar com cinquenta reais e colocamos o nome deles no cartaz. E também dão um presente para ser leiloado no dia da festa. A gente queria fazer também o Natal Solidário. Mas tem gente que não precisa e gosta de ficar pedindo. Aí eu não concordo e resolvemos não fazer.

Os condomínios que estão aqui ao redor não enchem o saco não. Mesmo aqueles que estão mais perto da gente, não reclamam não. Quando tem as festas que nós organizamos eles inclusive ajudam.

Tem a área da indústria onde construíram o muro alto e que trouxe problemas para algumas das casas cujas janelas ficaram coladas no muro. E aí viram que estavam errados e pedimos ajuda para o Almir, secretário da Indústria e Comércio da Prefeitura e presidente da SAB do Recanto Suave, que veio aqui, mas o muro continuou no mesmo lugar. Apenas canalizaram parte do córrego onde fazia a divisa com a empresa. Não há conhecimento de nenhum projeto, por parte da Prefeitura, pelo menos que a gente saiba, de retirada das famílias e sua remoção para outra área, mesmo sendo do programa Minha Casa Minha Vida. Apenas a gente ouve comentários aqui e acolá”.

6.4 Entrevista com Clodoaldo

Clodoaldo é morador da Favela Zulu e é líder comunitário há dez anos. Chegou na Favela com 9 anos de idade há trinta anos atrás. Conforme seu relato: *“hoje são cerca de 130 famílias morando no Zulu. Na parte de cima são cerca de 270 famílias, com uma média de três pessoas por família. Houve muita melhora neste período. Antes as casas na Favela eram de madeira, e agora muitas das casas são de alvenaria. Muito antes era conhecida por chácara do Rebelatto, uma área de taboa.*

Antes da taboa existia um lago onde as crianças nadavam. Do lado havia um campo gramado que era do próprio Posto de Saúde, mas que foi destruído e havia também uma área próxima que acomodava de tempos em tempos circos

itinerantes. Tinha o circo Rosely, um dos que me lembro que apareciam por lá. As brincadeiras eram o esconde-esconde, o pega-pega, latinha, bola. Só por foto mesmo para lembrar que ali eu nadava, que eu brincava; tinha nosso campinho.

Quase tudo era feito na rua do lado do Postinho. Do outro lado também onde hoje tem duas fábricas, tinha uma área vazia. Tinha opção, não é? A gente podia escolher. Hoje quase não tem opção. Tenho uma filha de 4 anos e outra de 20 anos, já sou avô; com 18 anos já fui pai, mas com responsabilidade, pois logo comecei a trabalhar. Minha filha aproveitou pouco dessa liberdade de poder brincar na rua. Chegou o progresso com o 'boom imobiliário'. Teve também um período triste de violência, com mortes no bairro. Surgiu também a questão do tráfico. Perdi amigos que foram mortos em razão do aumento da violência.

Não participava do tráfico, mas muito dos meus amigos participavam, nós crescemos juntos. Com isso surgiu a ideia de montar os amigos voluntários um projeto que criei para poder trabalhar na comunidade com o objetivo de tentar mudar. Através dela organizamos as festas, fizemos o arraial. Já faz dez anos. A ideia era movimentar a comunidade com boas ideias, não só fazer a festa, mas mostrar o lado bom de compartilhar, conversar.

Não foi fácil não, porque muitas pessoas não querem trabalhar, só querem ver, só querem sair na foto. Hoje está mais tranquilo. A gente trabalha assim, a gente trabalha o momento, corre na política, corre nas empresas, nas pessoas, sempre foi assim. Tem gente que ajuda outras não, tem político que ajuda, às vezes não, e assim a gente vai indo. E tem o respeito da comunidade. O pessoal já fica esperando que sejam feitas as atividades, sabe que a gente faz bem feito, organizadinho. Vai muita gente.

Sobre a diferença da parte de cima do Suave com a parte de baixo digo que é uma coisa antiga. Quando cheguei eu já peguei. É mais um muro de vidro, é uma barreira invisível, uma coisa espiritual, de raiz. E foi por conta da violência na parte de baixo, dessas coisas aí. E eu já acompanhei algumas brigas. Mas o grupo tem gente dos dois lados. Foi ideia do grupo fazer a união do povo, unir os de cima com os de baixo. Pois anda todo mundo junto, pegam os ônibus juntos, não tem porque neste momento ter esta diferença. Não pode dizer só porque a família não mora numa casa de alvenaria que as pessoas não têm

ética, não têm caráter. Precisa parar com isso, embora a diferença venha de gerações antigas. Mas acho que ainda dá tempo para consertar. Porque temos que pensar no futuro das crianças.

As atividades organizadas para a comunidade pelos Amigos Voluntários que não é um projeto oficial, não tem documento, mas é ativo. Tem o Pró Menores que está relacionado com as atividades das crianças no campo de futebol, organizados por faixa etária, e que acontece quase todos os dias, e o movimento das Pastorais, relacionado com a Igreja local. Tem também o Ancora e o CRAS onde o forte são os projetos de assistência social e o Bolsa Família. A relação com essas instituições é boa. Embora a gente ache que o governo pode fazer bem mais, não somos contra porque toda ajuda é bem-vinda. As crianças e jovens usam o campo maior em suas atividades, e mais nos fins de semana nos finais da tarde, quando o pessoal da comunidade se concentra para fazer caminhadas. O mais gostoso aqui na comunidade é que todo mundo identifica todo mundo". Perguntado de como eles viram a chegada dos condomínios e algumas empresas aqui no bairro respondeu "que as empresas já chegaram no Suave de Baixo, já colocando muros altos, numa visão assim: ao lado tem uma favela, tem pessoas perigosas. Chegaram e nós é que éramos problemas para ele. Nunca tentaram subir no muro e olhar o que tinha do outro lado. Ir lá e conhecer a comunidade, participar dos projetos sociais através do Ancora ou de nós mesmos, ver e reconhecer a existência daquela comunidade.

Uma vez uma moradora de um condomínio parou o carro e falou assim: quem 'manda aqui, quem é o líder? E respondi: aqui tem um vereador, aqui tem um presidente de bairro e sou eu que faço trabalho comunitário aqui. E ela respondeu: mas aqui é um deus nos acuda, uma terra abandonada, uma terra de ninguém. Aí eu disse: deixa eu te falar uma coisa, a senhora quando veio morar aqui sabia que existia este lugar? E ela respondeu: sabia, mas quando eu vim aqui vim atrás de área verde, atrás de coisas bonitas. Respondi: então o corretor enganou você, você não conheceu o lugar então. O vendedor te enganou pois deveria ter dito que aqui tinham áreas vizinhas do condomínio com problemas sociais. Ela saiu brava cantando os pneus do carro.

E é assim: as empresas também chegam e tudo é um incomodo, só que isto nos incomoda também. E aí tem morador que diz que está com o saco cheio

daqui e vai se mudar. Aí eu digo: não vai mudar não senhor. Se você for pra outro lugar vai conhecer pessoas iguais as daqui. Todo lugar tem traficante, tem gente boa tem gente ruim, tem político sem vergonha, tem de tudo. Somos nós que vamos tornar o lugar melhor. Então é melhor começarmos por aqui”.

O nome do vereador citado é Almir Rodrigues (o Almir tornou-se vice-prefeito pelo PSDB, na última eleição para prefeito em 2016, e por ocasião da entrevista era presidente da Câmara de Vereadores de Cotia); segundo Clodoaldo o Almir faz e não faz diferença para o bairro Recanto Suave, “*pois, uma pessoa quando se torna política não é mais ele. Passa a sofrer a influência de mais 14 vereadores e torna-se um deles. Mas hoje ele tem um certo poder político e poderia fazer mais pelo bairro. Eu acho que ele deve fazer mais. Hoje eu cobro ele, só que fica na conversa. Sabe como é político, não é?*” Em relação aos líderes da Sociedade Amigos do Bairro, Clodoaldo diz “*esse pessoal se elege por indicação política de vereadores e prefeitos. Eu mesmo já tentei três vezes e não consegui. As chapas são montadas por eles.*

Foi assim que o Ademir começou sua carreira política ao ser indicado para presidente da SAB do Jardim Recanto Suave em 1996. Não vale a pena bater de frente. Fecham as portas. Um dia isto vai mudar. Hoje minha opinião é de que temos que lutar pela questão do esgoto, do lixo e da reurbanização do Zulu. Mas ouvi boatos de que eles vão remover os moradores da Zulu para fora do Bairro. Esta é uma conversa que veio de alto escalão.

Na realidade essa conversa envolve mais três comunidades ao redor do Recanto Suave: Zulu, Cristo e a Favela do Chiclete. Tem muita gente de dinheiro que está se incomodando com os inferiores e querem mandá-los lá pro meio do mato ou seja, longe das áreas de condomínios. A construção dos muros na Zulu é ilegal. Hoje são 236 famílias morando na parte de cima do Recanto Suave. ”

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do presente estudo pode-se tirar algumas conclusões importantes sobre o campo de possibilidades quanto ao resgate da cidadania de crianças e jovens vivendo em situação de pobreza enquanto sujeitos titulares de direitos, conforme apregoa a constituição do país.

O campo de observação social do País é rico de situações onde a sociabilidade derivada da exigência de produção e reprodução do espaço urbano nos presenteia com imagens cotidianas de iniquidades que envolvem a existência das famílias pobres, impostas por um modelo perverso de acumulação capitalista sob a égide de um Estado corrupto. As possibilidades de transformação desta realidade é uma questão essencialmente política que depende da capacidade individual e coletiva em construir alternativas de mudança; depende também em acreditar que a transformação é possível pela conquista de direitos de existir, de forma digna, em especial os que se encontram em situação de vulnerabilidade social; isto só poderá acontecer pela ação de ocupação dos espaços onde o Estado não está presente; ou, quando se faz presente, pela correção da atuação discriminatória e persecutória típica do Estado dominado por elites conservadoras, a mando das classes sociais que confundem o privado com o público para seu gozo e benefício.

O exemplo dado pelo Projeto Ancora analisado neste breve trabalho de pesquisa, sinaliza possibilidades concretas de transformação social pela ocupação do espaço do conhecimento, ao conduzir uma experiência inovadora no processo de aprendizagem cujos resultados poderão transbordar do espaço confinado de uma Escola situada no Bairro Recanto Suave em Cotia (SP), para o conjunto da comunidade local, ou, numa perspectiva otimista, quem sabe, para o país como um todo. Transformações estas que poderão resgatar e reparar situações históricas de desigualdade que afetam as famílias pobres, em especial crianças e jovens apartadas da cidade pelo não reconhecimento como cidadãos titulares de direito conforme apregoa a Constituição do País.

Além da metodologia inovadora de aprendizagem – com base na experiência de ensino da Escola da Ponte na cidade do Porto, em Portugal – o projeto da Escola Ancora ao quebrar paradigmas fossilizados, presos a

conceitos do século XIX e hierarquias rígidas, introduz formas cooperativas na organização dos saberes que resultam na formação de um outro sujeito, autônomo e participativo.

As noções de cidadania adquirida por essa metodologia, em função dos processos autônomos de aquisição de conhecimento, solidificam a formação cidadã e incentivam a participação política num sentido amplo, imprimindo novas formas de sociabilidade que se extravasam para a comunidade no reconhecimento de seus direitos à cidade. As visitas feitas à Câmara de Vereadores de Cotia, a viagem à Brasília em decorrência do processo de impeachment – golpe branco – deflagrado pelo Congresso Nacional, a participação no movimento das ocupações das escolas ocorridas no Estado de São Paulo, são alguns dos exemplos de uma proposta educacional transformadora, de fato participativa, inclusiva e cidadã, levado a cabo por educadores e educandos do Projeto Ancora.

Este modelo de escola evidentemente não tem atraído o sistema de ensino tradicional mesmo em municípios com propostas mais avançadas a exemplo das cidades aderentes ao projeto das cidades educadoras. Explica-se a fraca adesão ao método, de um lado, por interferir em interesses cartoriais secularizados, por outro, por representar a nova metodologia, um avanço na conquista de direitos e de maior consciência política, uma ameaça à perpetuação de elites corruptas no comando do Estado.

Fica evidente pelas entrevistas feitas com as pessoas envolvidas no projeto, especialmente os relatos da Coordenadora Pedagógica Claudia Duarte da Escola Ancora, que as autoridades públicas de Cotia, apesar do sistema ter incorporado o projeto Ancora na rede de ensino fundamental, não terem ainda maior comprometimento com o projeto naquilo que ele representa em termos de potencial transformador. Ao contrário, há por parte dos gestores públicos locais forte resistência em incorporar o novo paradigma na rede de ensino como um todo. Infelizmente coordenadores e professores da rede pública em sua grande maioria falam mal do projeto, segundo confirmações de Claudia Duarte.

Observa-se no caso específico de Cotia que o poder público local retrata o que predomina na maior parte dos municípios brasileiros. Os relatos apontam

vícios na prática política dos entes federativos de forma disseminada, que no caso do poder local em Cotia reflete práticas clientelistas/cartoriais/corruptas como forma de perpetuar no poder parte das elites dominantes da cidade. Basta verificar os casos de corrupção ventilados e documentados pela mídia conforme explicitados nos sítios virtuais deste trabalho. Conforme afirma a Claudia, existe também muito medo por parte do ensino tradicional em seu corpo profissional técnico – professores, diretores e coordenadores – em encarar os desafios colocados pela nova metodologia, em especial na questão do desenvolvimento da autonomia, no trato com as trocas relacionados às diferenças de gênero, etnia, renda, entre outras questões.

Alguns dos desafios para a realização do projeto ficam evidentes pelas declarações do líder comunitário Clodoaldo, o maior deles, do ponto de vista estrutural, referente ao modelo e às práticas políticas dominantes no sistema político nos vários entes federativos do país, onde Cotia em âmbito local, é expressão dos vícios cartoriais e patrimonialistas vigentes.

Em suma, temas trabalhosos propostos pelo Projeto Ancora, que além de subverter a ordem e o poder estabelecido do ponto de vista ideológico, representa uma reconfiguração política inaceitável para a elite conservadora ao ter de lidar com a ausência de salas/turmas/grades curriculares fixas, dados como elementos condicionantes no processo de construção do saber autônomo de jovens e crianças.

O recorte de uma realidade social específica como mostrado neste trabalho de TGI, envolvendo o Jardim Recanto Suave e sua relação com o Projeto Ancora, deixa evidente os desafios postos para quem busca os rumos necessários para a conquista de cidadania e direitos. Neste caso, o meio para se atingir esta condição se faz por meio da Escola, não mais como reproduutor da ideologia dominante, mas como forma de se alcançar a autonomia necessária para transformar sujeitos em atores de suas próprias vidas. Assim, o retorno à rua como possibilidade efetiva de formação do caráter por meio de brincadeiras e espaço de convivência, integra-se na proposta de transformação do espaço social como um todo: a rua como prolongamento da escola, assim como a família, a partir de uma proposta emancipadora de construção da cidadania.

8. REFERÊNCIAS

ARAUJO, V.C.A.C. *A cidade como espaço público de educação e de afirmação da cidadania: a experiência de Vitória/ES, Brasil* – Porto Alegre. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. V.33- Nº 1 (2017). Disponibilizado em

<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpa/article/view/19973/11604>

CARLOS, A.F.A. O Espaço Urbano Novos Escritos Sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p. Disponibilizado em <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>

GADOTTI, Moacyr. *A Escola na Cidade que Educa*. São Paulo. Artigo- Cadernos Cenpec Nº 1. São Paulo (2006). Disponibilizado em [file:///E:/Meus%20Documentos/Downloads/160-240-1-SM%20\(1\).pdf](file:///E:/Meus%20Documentos/Downloads/160-240-1-SM%20(1).pdf)

SAVIOLI, Mario Luiz. *A Cidade e a Estrada: As Transformações Urbanas do Município de Cotia ao Longo da Rodovia Raposo Tavares*. São Paulo. 2007. Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP Nº 22.

SUDBRAK, Umberto Guaspari. *O Extermínio de Meninos de Rua no Brasil – Estudo de Política Criminal*. Curitiba. Editora Prismas,2013.

Sítios Virtuais

<https://www.youtube.com/watch?v=4RitiBUW6mk>

<https://www.youtube.com/watch?v=u3CVNUudjUQ>

[http://desciclopedia.org/wiki/Cotia_\(S%C3%A3o_Paulo\)#Bairros_de_Cotia](http://desciclopedia.org/wiki/Cotia_(S%C3%A3o_Paulo)#Bairros_de_Cotia)

https://www.youtube.com/watch?v=hFu2_VS9nEs

<https://www.youtube.com/watch?v=eL0WgTbXP-0>

<https://www.youtube.com/watch?v=O61o2ZNfCDY>

<https://www.youtube.com/watch?v=U5ZmolJQBLE>

<https://www.visaooeste.com.br/os-morros-dos-macacos-de-cotia/>

<http://desciclopedia.org/wiki/Arquivo:Favela2.jpg>

<https://www.youtube.com/watch?v=imAyeQMhT0I>

<https://www.eleicoes2016.com.br/almir-rodrigues/>

<http://almirrodrigues.com.br/almir-rodrigues/>

https://www.emplasa.sp.gov.br/Cms_Data/Sites/EmplasaDev/Files/Documentos/Cartografia/Atlas/RMSP/Atlas_Cotia.pdf

9. ANEXOS

9.1 MEMORIAL DE PLANEJAMENTO DE CAMPO E ELABORAÇÃO QUESTIONÁRIOS E ENTREVITAS

Planejamento do Trabalho de Campo

A primeira visita ao Projeto Âncora aconteceu no dia 14 de setembro, foi marcada com antecedência com a diretora Cláudia Duarte e tinha como objetivo, além de conhecer o projeto, apresentar a proposta de pesquisa e conseguir autorização para que eles fizessem parte dela como estudo de caso.

Quando encontrei a Cláudia, ela me contou um pouco sobre a estrutura do Âncora que já foi citada anteriormente e também sobre os novos planos e parcerias entre o projeto e a Escola da Ponte de Portugal, mais especificamente com o educador José Pacheco, fundador da mesma. Quando comecei a fazer muitas perguntas, Cláudia, como é de praxe, me apresentou para duas alunas, as quais fariam a apresentação do espaço e a princípio responderiam todas as minhas dúvidas.

“Vocês podem apresentar o Âncora para Maria Rita? Maria Rita pode perguntar o quiser para elas...”

Assim começou a minha visita ao espaço, conheci o projeto da maneira como elas viam, antes e depois da Escola da Ponte, começando pelo circo, correndo para pista de Skate, depois a creche, a biblioteca, o “canto” de baixo da escada onde elas gostavam de estudar e assim por diante, até apresentação de acrobacias eu assisti.

Em seguida, nesses imprevistos do campo – nesse caso, um bom – encontrei a viúva do fundador do Âncora, Regina Steurer, arquiteta urbanista, especializada em arquitetura teológica e que é ativa no projeto desde a sua fundação. Regina fez questão de sentar comigo e contar o histórico do projeto. O uso da rua e as

questões cotidianas eram uma constante nas suas falas, e corroborava com o tema de pesquisa pretendido no TGI.

Conquistei a autorização para a realização do trabalho e combinamos que num próximo encontro eu apresentaria um planejamento das atividades pretendidas, o qual também faz parte desse relatório.

A princípio o planejamento era o seguinte:

- Entrevista com a assistente social Maria Lúcia
- Aplicação de questionário para pais ou responsáveis de alunos
- Depoimento oral de crianças
- Entrevista com a fundadora Regina Steurer

Os objetivos gerais eram:

- a) Captar por meio da aplicação de questionários e entrevistas a experiência vivida de crianças e jovens e seus familiares no projeto Âncora envolvendo a apreciação crítica dos objetivos atingidos na vivência institucional, à luz dos objetivos propostos pela instituição.
- b) Alcançar referências básicas que sirvam de parâmetros para a análise do papel da instituição enquanto um dos elementos constitutivos no conjunto de atores da sociedade civil que permitam avaliar sua eficiência, enquanto agente de transformação social.
- c) Analisar o papel da ONG e os possíveis resultados práticos na esfera das políticas públicas: medir e avaliar o grau de influência da ação da ONG, enquanto esfera privada de ação, e sua inter-relação com as ações governamentais em âmbito local.
- d) Dimensionar a vivência das pessoas e sua percepção do processo de transformação enquanto participantes do Projeto Âncora, em

contraposição à sua vivência familiar e comunitária no espaço concreto de apartação social.

Para a efetivação desse planejamento simples, contei com a ajuda de professores e colegas da disciplina de Técnicas de Campo e Laboratório, além das aulas e bibliografias do curso.

A Entrevista

A primeira profissional escolhida para entrevista foi a assistente social Maria Lúcia Bianchini, devido ao pouco conhecimento acerca das famílias e dos bairros atendidos, acreditando que seria uma boa entrevista para colher mais informações sobre os hábitos e o cotidiano das comunidades, além da relação desses com o Projeto Âncora.

O primeiro roteiro de entrevista surgiu a partir de todas as questões que existiam sobre o projeto pensado para os dirigentes (coordenadores e responsáveis):

1. No seu ponto de vista quais os principais pontos positivos e quais os negativos do Projeto?
Descreva:
2. No seu ponto de vista as políticas do poder público local comparativamente ao papel e ações desempenhadas pelo Projeto Âncora são:
Antagônicos. Sim/não. Por quê?
Complementares. Sim/não. Por quê?
Substitutivas. Sim/não Por quê?
São ações **completamente independentes**. Por quê?
3. Em sua opinião o Projeto Âncora **atinge os melhores resultados porque está livre de ingerência política do poder público, e por isso, é mais eficiente por ser estar apoiado na filosofia de gestão empresarial que busca a maior eficiência de resultados?** Sim/não. Por quê?
4. Em sua opinião este Projeto, **em função do seu êxito**, deveria ser assumido integralmente pelo poder público local. Sim/não. Por quê? Se sim, de que forma?
5. Em sua opinião qual a avaliação feita pela comunidade e respectivos pais quanto ao papel do projeto em suas vidas e na dinâmica familiar de cada participante? De que forma a satisfação ou insatisfação é mensurada?

6. Qual a relação entre o projeto e as respectivas comunidades do entorno? **O projeto é visto como algo externo à comunidade? Ou, ao contrário é visto como intimamente inserido no cotidiano das famílias e pela comunidade?** De que forma?
7. **O sucesso do Projeto** tem sensibilizado o poder público local. De que forma? Qual tem sido sua participação? Desde quando?
8. O projeto remunera seus profissionais ou se baseia apenas em trabalho voluntário?
9. O projeto Ancora **substitui a Rua no processo de construção da sociabilidade positiva do público infanto-juvenil, em substituição ao papel familiar nas comunidades desestruturadas.** Em sua opinião isto é positivo ou negativo? Comente.
10. Em sua opinião a Rua **ainda desempenha papel fundamental na formação infanto/juvenil de igual forma que fazia no passado?** Sim/não Por quê?
11. Em sua opinião **restou à Rua, na contemporaneidade, apenas a socialização para o mal, sem chances de reversão?** Sim/Não. Justifique.
12. Em sua opinião ainda há chances da Comunidade em parceria com o poder público e as ONGs como o projeto Ancora, assumirem para si a gestão do processo de sociabilização e estruturação cidadã nas Comunidades organizadas. Sim/não? Comente.

As partes grifadas indicam as questões mais tendenciosas, onde estavam expressas as minhas impressões de documentos fornecidos pela Instituição e conclusões que eu imaginava tirar da entrevista.

Por isso, o roteiro foi repensado e reelaborado seguindo as orientações de no máximo quatro perguntas norteadoras, para uma entrevista de até cinquenta minutos e buscando deixar as perguntas neutras, sem as “tendenciosidades” vistas acima.

- Formas e estruturação do projeto.
1. No seu ponto de vista quais os principais pontos positivos e quais os negativos do Projeto?
 2. Como é a relação do Projeto Ancora com o poder público local? Como o projeto observa as ações do poder público local?
 3. Em sua opinião qual a avaliação feita pela comunidade e respectivos pais ou responsáveis quanto ao papel do projeto em suas vidas e na dinâmica familiar de cada participante?
 4. Qual a relação entre o projeto e as respectivas comunidades do entorno?
 5. A Rua desempenha algum papel na formação infanto/juvenil?

Embora não tenha conseguido chegar a apenas quatro perguntas, acredito ter eliminado grande parte dos defeitos do primeiro roteiro, principalmente no que

diz respeito às perguntas tendenciosas. Esse foi o roteiro apresentado para a entrevistada, uma semana antes da data marcada, assim como o pedido de autorização para gravar a entrevista. Junto do roteiro também foi enviado uma versão reduzida do projeto de pesquisa.

Durante a entrevista o maior momento de dificuldade foi organizar rapidamente as novas questões que surgiam e tentar abordá-las sem emitir opinião. Infelizmente, escutando a gravação, pude notar alguns momentos de deslize, mas que não invalidarão as informações valiosas que foram alcançadas.

Instrumentos técnicos utilizados: gravador e caderno de anotações

Transcrição parcial da entrevista faz parte do anexo desse relatório.

O Depoimento Oral

O depoimento oral foi um grande desafio do trabalho de campo, pois ele aconteceu com crianças e não fazia ideia de qual seria a reação delas. Depois da autorização do Projeto Âncora, perguntei se gostariam de me indicar alguma criança para pedir o depoimento oral, mas me deixaram livre para a escolha.



Comecei um passeio como quem não quer nada, algumas crianças apareciam, outras ficavam apenas olhando, curiosas com a figura estranha ao projeto. Fui até a pista de skate onde uma menina estava sozinha e observando os outros que brincavam por ali. Cheguei e perguntei se poderia conversar. Depois que ela disse sim, pedi autorização para gravar a nossa conversa e rapidamente ela me indagou sobre o motivo da gravação. Expliquei, com cuidado, na maneira da criança, o que eu fazia ali. Estudante como ela, com

conversar. Depois que ela disse sim, pedi autorização para gravar a nossa conversa e rapidamente ela me indagou sobre o motivo da gravação. Expliquei, com cuidado, na maneira da criança, o que eu fazia ali. Estudante como ela, com

uma pesquisa para fazer. Disse que queria saber do que ela brincava e perguntei se poderia começar a gravação. Perguntei o nome dela, especialmente para ficar registrado: Roberta. Tímida, começou a contar por onde brincava, dentro e fora do projeto. Simpática, mas rápida e objetiva, tive que fazer muitas intervenções e o depoimento durou apenas 3 minutos.



Figura 3 – Érica, Débora e Jamile mostrando suas habilidades acrobáticas, uma entre as muitas brincadeiras que elas contaram e demonstraram.

As outras entrevistadas vieram de repente, foram três de uma vez. Não foi a melhor maneira, mas os depoimentos foram ricos pois elas me apresentaram os lugares de brincadeira do projeto. O que infelizmente não ficou registrado foram as brincadeiras que faziam enquanto as acompanhava. Elas subiram em árvore e deram estrelas e cambalhotas.

Contaram dos lugares do brincar fora do projeto e fizeram uma descrição peculiar do lugar onde moram e da convivência com os vizinhos. Uma filmadora teria sido extremamente apropriada para o momento.

Embora eu não tenha discutido com ninguém sobre depoimento oral em grupo - e nem mesmo saiba se dessa maneira posso continuar chamando a técnica utilizada de “depoimento oral” - a forma como se deu a segunda tentativa garantiu menos intervenções, porque as meninas se provocavam o tempo todo e se estimulavam para falar.

Com certeza o ponto negativo desse depoimento a três aconteceu na hora da transcrição, a dificuldade em nomear as vozes e garantir a fala para a pessoa certa prejudicou o resultado final. Outro ponto foram as perguntas que poderiam ser feitas e que não vieram na hora, será que fazer essas perguntas mudaria a técnica? Seria entrevista? Com crianças o tempo é imprevisível, pode ter cinco minutos como no depoimento da Roberta, ou quinze minutos como no das três moças.

Um exemplo de pergunta que não foi feita é se elas brincam acompanhadas dos pais ou dos responsáveis – claro que de outra maneira – quando estão brincando fora de casa e do projeto. Imagino que a partir dela poderia conseguir alguma informação sobre a ‘sensação’ de segurança das famílias em relação à rua ou aos espaços comuns.



Figura 4 – A brincadeira de subir em árvores é comum em todos os espaços do Projeto Âncora.

Considero importante e válido obter o depoimento das crianças, afinal o objeto, o ‘lugar’ do brincar, é delas.

Instrumentos técnicos utilizados: máquina fotográfica e gravador.

Transcrição parcial da entrevista faz parte do anexo desse relatório.

O Questionário

Das técnicas escolhidas o questionário foi o de maior dificuldade, desde sua elaboração até a aplicação que não aconteceu efetivamente.

A primeira etapa foi pensar o objetivo e o público, esses itens estavam claros e foram mantidos do começo ao fim apenas com algum aprimoramento. A ideia central era aplicar questionários para pais ou responsáveis dos alunos participantes do Projeto Âncora a fim de entender a relação deles com o projeto e com os espaços públicos de lazer, sensação de segurança, os lugares de lazer dos filhos e o impacto do Projeto nesses 15 anos de existência.

A amostragem foi definida de acordo com o indicado na Bibliografia do curso, aplicação de 30 questionários num universo de 300 alunos.

Os questionários sofreram alteração principalmente no que diz respeito às formas de aplicação e também ao texto utilizado, depois de conversar com a

Professora Isabel Alvarez, Professor Luis Antonio Bittar Venturi, compartilhar o questionário com os alunos do curso e ainda com o Projeto Âncora ele sofreu diversas alterações.

A princípio a ideia era que eles fossem entregues para os pais e que fossem devolvidos respondidos na secretaria do Âncora, nossa primeira limitação foi em relação à quantidade de retornos, teríamos que oferecer o questionário a um número maior de pais, para garantirmos uma amostragem de 10%.

O segundo ponto que foi levado em consideração foi quanto à ‘formalidade’ do texto, grande parte dos pais e alunos das crianças e jovens atendidos pelo projeto são considerados analfabetos funcionais e, mesmo com textos simplificados, a compreensão do questionário poderia ficar comprometida.

Diante desses dois pontos, a ONG abriu duas datas para aplicação dos questionários que deverão ser mediados por pessoas da minha escolha e próximas da pesquisa. Para esses dois dias, chamei um colega colaborador que estará apto para a aplicação. Assim garantiremos tanto um bom entendimento do questionário quanto a amostragem pretendida.

A seguir ilustro as diversas formas e alterações que o questionário sofreu:

Questionário 1 - esboço

- Nome e idade
- Grau de Instrução
- Quanto tempo mora no bairro
- Filhos? Quantos? Idade

Antes de 2000 e agora:

- Quais os espaços de lazer de crianças e jovens? Quais as brincadeiras?

- Segurança
- Qual o lugar onde as crianças e jovens brincam?
- Entrada de projetos sociais e ONGs
- Equipamentos públicos: praça, CEU, teatro, casa de cultura, cinema, campo, rua.

Questionário 2

Nome: _____

Bairro em que mora: _____ Há quanto tempo mora? _____

Idade: _____ ou

- 15 até 20 20 até 25 25 até 30 30 até 35 35 até 40
 40 até 45 + 45

Quais os lugares de encontro e brincadeiras de crianças e jovens?

Antes do ano 2000

- Rua
- Campo
- Praça
- Parque
- Quintal
- ONGs
- Outros:

Atualmente

- Rua
- Campo
- Praça
- Parque
- Quintal
- ONGs
- Outros:

Quais os equipamentos públicos de lazer no seu bairro?

Antes do ano 2000

- Praça
- Parque
- CEU
- Pontos de Cultura
- Teatro
- Outros:

Atualmente

- Praça
- Parque
- CEU
- Pontos de Cultura
- Teatro
- Outros: _____

Como você avalia a segurança no bairro?

Antes do ano 2000

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

Atualmente

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

Como conheceu o projeto Ancora?

A escolha pela participação no Projeto Âncora é de quem?

- Pais ou Responsáveis
- Crianças ou Adolescentes

Quais as motivações?

Questionário 3

Data:

Nome: _____

Bairro em que mora: _____ Há quanto tempo mora? _____

Idade: _____ ou

- 15 até 20 20 até 25 25 até 30 30 até 35 35 até 40
 40 até 45 + 45

1. Qual a faixa etária do(s) filho(s) que frequentam o Projeto Ancora?

- () De 0 05 anos
() De 06 a 10 anos
() De 11 a 15 anos
() De 16 a 20 anos

2. Ele(s) trabalha(m)?

- () Sim, até 6h por dia
() Sim, a partir de 8h por dia
() Não trabalham

3. Quais os lugares de encontro e brincadeiras de crianças e jovens?

Antes do ano 2000

- Rua
 Campo
 Praça
 Parque
 Quintal
 ONGs
 Outros:

Atualmente

- Rua
 Campo
 Praça
 Parque
 Quintal
 ONGs
 Outros:

4. Quais os lugares de lazer no seu bairro?

Antes do ano 2000

- Praça
- Parque
- CEU
- Pontos de Cultura
- Teatro
- Outros:

Atualmente

- Praça
 - Parque
 - CEU
 - Pontos de Cultura
 - Teatro
 - Outros:
-

5. Como você avalia a segurança no bairro?

Antes do ano 2000

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

Atualmente

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

6. Se houve mudança na sensação de segurança, há quanto tempo ela se deu?

- () Não houve mudança
- () Houve, de 5 anos para cá
- () Houve, de 10 anos para cá
- () Houve, de 15 anos para cá

7. Se houve mudança, quais fatores você atribui a essa mudança?

	Existe (s/n)	Nenhum	Baixo	Médio	Alto
a. Atividades oferecidas pela ONG					
b. Maior Policiamento					
c. Maior Iluminação					
d. Maior oferta de atividades culturais, de lazer e educação no bairro					
e. Maior presença de crianças/jovens na rua					
f. A população do bairro aumentou					

8. Como conheceu o projeto Ancora?

9. A escolha pela participação no Projeto Âncora é de quem?

- Pais ou Responsáveis
- Crianças ou Adolescentes

10. Quais as motivações?

Como já foi mencionado antes, no primeiro questionário, os objetivos e a amostragem foram bem trabalhados, mas ele ainda não estava organizado em itens, as perguntas mal estruturadas e abertas traziam uma noção do todo que se pretendia buscar, mas não eram claras e nem garantiam um bom uso da técnica. Seria praticamente impossível, por exemplo, conseguir uma tabulação dos dados e, quanto mais aberto o questionário, mais tempo ele demoraria em ser respondido.

Dessa maneira, a tentativa para o segundo questionário foi conseguir trabalhar as questões que antes estavam gerais e colocar opções para serem respondidas. Também durante o processo de ‘amadurecimento’ do questionário, novas questões foram surgindo, novas perguntas foram adicionadas e novos problemas apareceram.

Diante da onda de crimes na cidade de São Paulo, principalmente na periferia e a forte presença da mídia, anunciando diariamente o número de assassinatos na cidade, as chances de as respostas sobre segurança publica virem influenciadas é muito grande, o que invalidaria o resultado das questões, caso elas permaneçam, essa observação deverá ser levada em conta no momento da análise das tabulações.

Além disso, a questão sete ainda está muito complexa, estuda-se a possibilidade de deixá-la mais direta, no lugar de perguntar sobre fatores atribuídos a mudança e elencar cada um dos fatores, utilizar a pergunta direta: houve aumento dos furtos e mortes? Existe maior oferta de atividades culturais?

Outra observação foi a complexidade da pergunta oito, a que se refere às motivações. Elas também estão sendo adaptadas para perguntas mais objetivas, algo como:

“Desde que seu filho começou a frequentar a ONG, vocês conversam sobre as atividades? Conversam com outros pais sobre as atividades? Sobre o bairro?”

Como essas questões também foram pontos abordados pelo Projeto Âncora, estamos estudando as melhores alterações para a aplicação dos questionários nos dias 17 e 21 de dezembro, momento onde eles terão assembleias com os pais participantes do Projeto e onde foi aberto um espaço para apresentação do corrente trabalho e aplicação dos questionários.